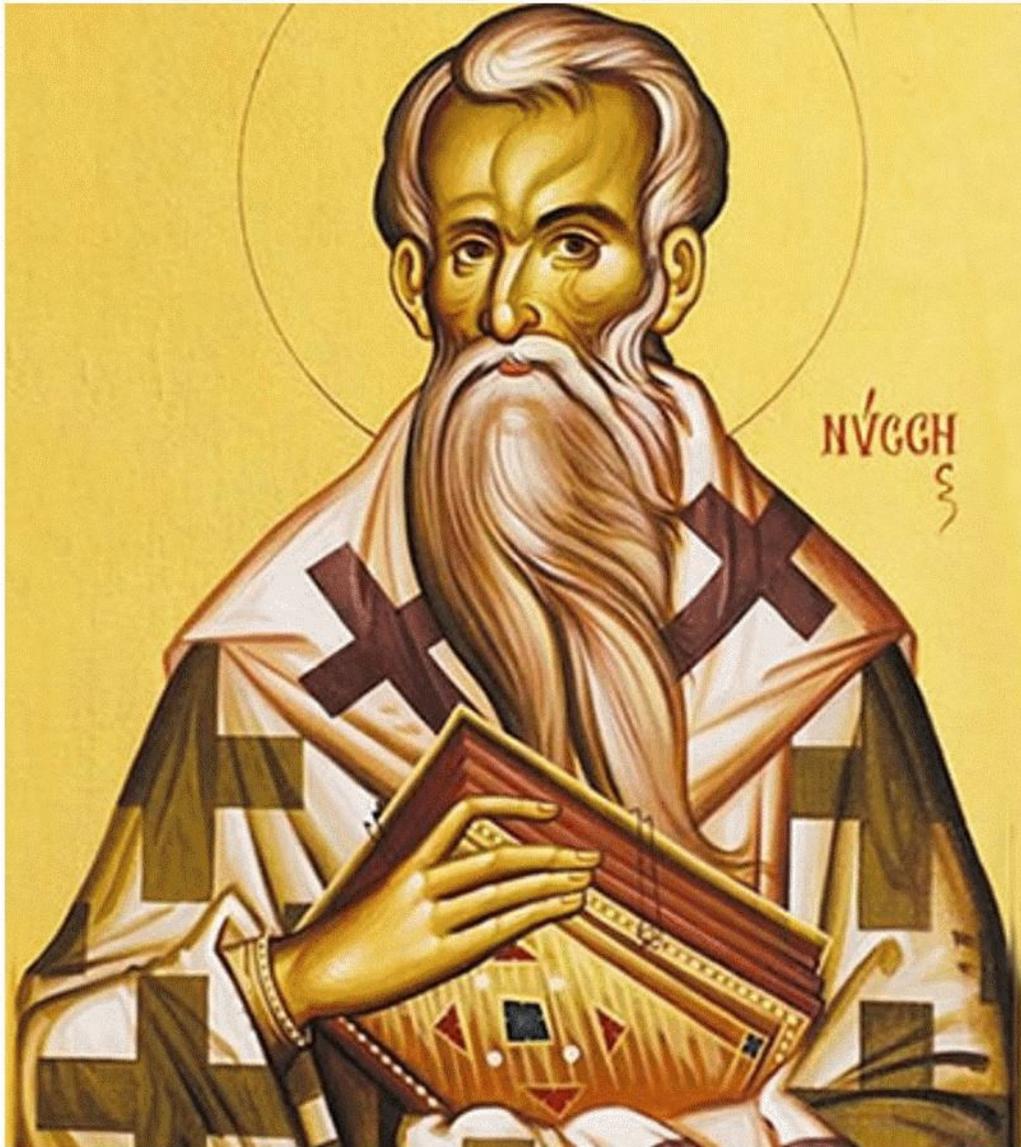


# SÃO GREGÓRIO DE NISSA



**A GRANDE CATEQUESE**

## **FONTE DO TEXTO**

*academia.edu*

## **Imagem da Capa**

*gregorio.de.nissa*

Texto extraído do Vol. 29, «GREGÓRIO DE NISSA», da  
coleção "Patrística", editada por "PAULOS"

## PRÓLOGO

1. Para aqueles que se acham à frente do mistério da fé, o ensino catequético é indispensável para que a Igreja cresça com o aumento das almas salvas, fazendo chegar ao ouvido dos não crentes a palavra digna de fé.

### *Método de argumentação<sup>1</sup>*

De outro lado, a todos aqueles que se aproximam da Palavra não se aplica o mesmo método de ensino, mas convém adequar a catequese às diferentes formas de religião, tendo em vista aquilo que é o único escopo do ensino, mas sem utilizar os mesmos argumentos em cada caso. 2. De fato, as ideias de quem adere ao judaísmo são diversas daquelas de quem se formou no paganismo; e o mesmo se diga do anomeu,<sup>2</sup> do maniqueu,<sup>3</sup> dos sequazes de Marcião, de Valentino e de Basíledes, e toda a lista restante de pessoas que andam às cegas nas heresias:<sup>4</sup> em razão do fato de que cada um tem as suas concepções particulares, torna-se necessária a luta contra suas respectivas crenças, pois o tipo de remédio que se há de aplicar depende da natureza da enfermidade.

3. Não curarás com os mesmos remédios o politeísmo do pagão e a incredulidade do judeu que rejeita o Deus unigênito, nem com as mesmas armas conseguirás demolir, naqueles que se envolveram nos erros das heresias, as aberrantes invenções acerca das verdades da fé. Os argumentos com os quais poderemos reconduzir ao caminho reto o sabelianismo, não servirão para o anomeu, nem servirá ao judeu o modo de lutar contra Marcião, mas é necessário levar em conta, como se diz, as opiniões preconcebidas dos indivíduos e forjar o argumento em razão do erro de cada um, antecipando em cada discussão alguns princípios e proposições bem fundamentados, com o objetivo de que, graças a esses pontos de coincidência por ambas as partes, seja possível a descoberta da verdade com argumentação lógica.

4. Portanto, sempre que se discuta com algum pagão, seria bom começar o discurso assim: Acredita que Deus existe ou adere à opinião dos ateus? Se, portanto, nega que existe Deus, poder-se-á induzi-lo partindo então da engenhosa e sábia disposição do universo, até reconhecer presente aí uma força que se manifesta e que é superior ao universo. Se, ao contrário, não coloca em dúvida a existência de Deus, mas se deixa seduzir pela crença em uma multidão de deuses, utilizaremos uma argumentação deste tipo: 5. Que pensa ele, que a divindade é perfeita ou que é imperfeita? Se, como é provável, admite a perfeição da natureza divina, deveremos fazer com que ele reconheça esta perfeição em todos os aspectos próprios da divindade, de modo que não se considere o divino como mistura de contrários, isto é, o perfeito misturado com o imperfeito. Mas, quer se trate da potência ou da ideia do bem, ou da sabedoria, da incorruptibilidade, da eternidade ou de qualquer outro conceito próprio da divindade, este terá de reconhecer em todos os aspectos, pela lógica deste raciocínio, a perfeição da natureza divina. 6. Uma vez de acordo neste ponto, não será mais tão difícil induzir a mente, dispersa entre uma multidão de deuses, a reconhecer a existência de uma só divindade. Se o interlocutor aceita reconhecer a perfeição absoluta na divindade de que falamos, mas diz que são muitos os seres perfeitos marcados pelas mesmas características, será absolutamente necessário que, nessas naturezas não distintas por alguma diferença e nas quais, porém, se contemplem os mesmos atributos, se demonstre o que é próprio desses seres, ou, se nada de peculiar pode ser percebido naquelas entidades indiferenciadas, não se suponha distinção onde não existe diferença.

7. Com efeito, se não se chega a encontrar a diferença entre o mais e o menos, porque a ideia

de perfeição não admite nenhuma diminuição, nem a diferença entre o inferior e o superior – pois o conceito de divindade não seria mais possível onde subsiste o qualificativo de inferioridade – nem tampouco a diferença entre antigo e novo, porque o ser temporal é estranho ao conceito relativo à divindade; se, ao contrário, a ideia de divindade é única e idêntica a si mesma, e a razão de fato não encontra aí nenhuma particularidade, então é absolutamente necessário que quem imaginou erroneamente uma multidão de deuses seja constrangido a reconhecer uma só divindade.

8. Com efeito, se a bondade e a justiça, a sabedoria e a potência são atribuídas à divindade de maneira idêntica, e se a imortalidade, a eternidade e todo outro atributo religioso são reconhecidos na divindade do mesmo modo, desaparecendo por completo toda distinção, desaparecerá necessariamente a crença na pluralidade dos deuses, uma vez que esta identidade absoluta induz a reconhecer a unidade.

### **DEUS UNO E TRINO – TEOLOGIA**

I,1. Mas, uma vez que a doutrina da nossa verdadeira fé sabe também reconhecer certa distinção das Pessoas na unidade da natureza, e com o escopo de evitar que, na contenda contra os pagãos, nosso raciocínio se arraste paulatinamente ao judaísmo, convirá corrigir, mediante uma apropriada distinção, o erro que se constata sobre este ponto.

#### *Deus como palavra*

2. De fato, até mesmo as pessoas estranhas à nossa fé concebem a divindade sem Verbo, e esta coincidência explicará com suficiente clareza nossa doutrina. Quem está de acordo que Deus não é pensável sem Verbo deverá claramente admitir que Deus possui o Verbo a partir do momento que não pode ser privado dele. Mas com o mesmo termo se expressa também a palavra humana. Por conseguinte, se o adversário declara que concebe o Verbo de Deus segundo a analogia da nossa palavra, então poderá ser conduzido a uma concepção mais elevada.

3. É absolutamente necessário admitir que a palavra, como toda outra faculdade, está em sintonia com a natureza. Ora, no homem se distingue certa potência, uma vida e uma sabedoria; porém, não se poderia também conceber em Deus a vida ou a potência, ou a sabedoria da mesma maneira, mas os significados de tais nomes se abaixam até o nível de nossa natureza, pois, como a nossa natureza é corruptível e fraca, conseqüentemente, a nossa vida é efêmera; nossa potência, inconsistente, e, nossa palavra, instável.

4. Entretanto, na natureza transcendente, tudo o que dela se predica se ajusta à grandeza do sujeito contemplado. Se, portanto, se fala do Verbo de Deus, não se poderá pensar que tenha sua consistência no impulso da voz para recair na inconsistência à semelhança da nossa palavra; mas como a nossa natureza, por ser caduca, tem a palavra caduca, assim também a natureza incorruptível e eterna tem o Verbo eterno e substancial.

#### *O Verbo é a vida*

5. Se, em consequência deste raciocínio, se admite que o Verbo de Deus subsiste eternamente, será preciso necessariamente reconhecer que a substância do Verbo é dotada de vida, pois seria coisa ímpia pensar que o Verbo subsiste inanimado, como as pedras. Se, portanto, o Verbo consiste em uma essência pensante e incorpórea, é que possui vida absolutamente, ao passo que, se é privado da vida, então não tem absolutamente substância. Mas demonstrou-se justamente ser ímpio o pensar que o Verbo de Deus carece de substância. E assim demonstrou-se logicamente, ao mesmo tempo, que este Verbo pode ser percebido como vivente. 6. Se, como é provável, cremos ademais que a natureza do Verbo é simples e

não apresenta em si nenhuma duplicidade ou composição, ninguém considerará que o Verbo vive porque participa da vida; porque tal concepção, segundo a qual um está no outro, implica composição; mas, uma vez que dele se reconheça a simplicidade, é absolutamente necessário que o Verbo tem a vida em si e não por participação.

### *Potência do Verbo*

**7.** Se, portanto, o Verbo vive porque é vida, necessariamente possui também a faculdade volitiva, uma vez que nenhum dos seres vivos é privado de vontade. E vontade será considerada, logicamente, como exigido pela piedade, também potente, uma vez que, por não reconhecer a potência, deveria supor necessariamente a impotência.

**8.** Mas justamente a impotência é estranha ao conceito da divindade. Como efeito, em relação à natureza divina não se admite a menor dissonância, mas que é absolutamente necessário reconhecer que a potência do Verbo é tão grande como o é sua vontade, razão pela qual naquela unidade não se poderá considerar nenhuma mistura e convergência de opostos, enquanto na mesma vontade se contemplariam impotência e potência, no caso de esta mostrar-se ora potente, ora impotente; mas é necessário que a vontade do Verbo, sendo onipotente, não se incline para nenhum mal, visto que a inclinação ao mal é estranha à natureza divina; mas tudo aquilo que é bom, esta deve desejá-lo, e desejando-o, deve ter absolutamente também o poder, e este poder não deve permanecer ineficaz, mas deve transformar em atos toda a sua vontade de bem.

### *O Verbo criador*

**9.** Ora, o mundo é uma coisa boa e tudo é nele visivelmente ordenado com sabedoria e arte. Por conseguinte, tudo é obra do Verbo (*Lógos*); do Verbo que vive e subsiste, porque é o Verbo de Deus; e dotado de vontade livre, porque vive: pode fazer tudo o que escolhe fazer, e escolhe o que é absolutamente bom e sábio, enquanto traz a marca da perfeição.

**10.** Assim, pois, se reconhece que o mundo é algo bom, e demonstrou-se pelo que foi dito que o mundo é obra do Verbo, do Verbo que escolhe o bem e que pode fazê-lo; mas este Verbo é distinto daquele do qual ele é Verbo: em certo sentido, a noção de Verbo faz parte também das noções “relativas” (*pros ti*), porque, com o Verbo, deve-se entender também imediatamente o Pai do Verbo: de fato não existiria o Verbo, se não fosse Verbo de alguém. Se, portanto, a mente dos ouvintes, graças ao termo de relação, distingue o próprio Verbo e Aquele do qual ele procede, já não haverá o perigo de que este nosso mistério, opondo-se às concepções pagãs, venha a harmonizar-se com os sequazes das doutrinas judaicas; evitará, ao contrário, o absurdo de uns e de outros, reconhecendo que o Verbo de Deus é vivo, ativo e criador, coisa que o judeu não admite, como tampouco que o próprio Verbo não difere por sua natureza daquele de quem procede.

### *O Verbo cria o homem*

**11.** Com efeito, dizemos que a nossa palavra procede da mente, e não se identifica com a mente nem dela se afasta completamente, porque, enquanto esta procede daquela, dela se distingue e não é a mesma coisa; pois, enquanto constitui a manifestação da inteligência, nada autoriza a concebê-la como distinta dela, mas que, mesmo sendo uma só coisa por sua natureza, dela se distingue enquanto sujeito. Assim também o Verbo de Deus: pelo fato de subsistir por si mesmo, se distingue daquele de quem possui subsistência, mas, pelo fato de manifestar em si mesmo os atributos que contemplamos em Deus, se identifica por natureza com o mesmo que nos dá a conhecer por meio dos mesmos atributos. Com efeito, se a bondade, o poder, a sabedoria, a eternidade, a impossibilidade de admitir o mal, a morte e a

corrupção, bem como a perfeição absoluta e qualquer outro atributo se convertem em outros tantos sinais distintivos da ideia do Pai, esses mesmos sinais servirão para reconhecer o Verbo, que do Pai recebe sua subsistência.

### *O Espírito de Deus*

**II.1.** Como nós chegamos a conhecer o Verbo procedendo analogicamente desde as coisas que são nossas até sua natureza suprema, do mesmo modo nos aproximamos da noção do Espírito, contemplando em nossa natureza certos traços e analogias da inefável potência. Mas em nós o espírito é a aspiração do ar, elemento estranho inspirado e expirado necessariamente pela constituição do corpo, que, no momento em que a palavra se exprime, se converte em voz que em si mesma manifesta a potência da palavra.

**2.** A piedade que nos fez reconhecer na natureza divina a existência de um Espírito de Deus, o mesmo em que também se reconheceu a existência de um Verbo de Deus. A razão é que o Verbo de Deus não deve ser inferior à nossa palavra, e o seria se acreditássemos que a esta lhe acompanha um hálito e ao outro [o Verbo de Deus] o considerássemos sem Espírito. Todavia, não seria digno pensar da divindade que alguma coisa de estranho, à semelhança de nosso hálito, de fora penetrasse em Deus e nele se convertesse em Espírito. Ao contrário, quando ouvimos a expressão “Verbo de Deus”, não acreditamos que o Verbo fosse algo sem consistência, nem resultado de um saber adquirido, nem algo proferido mediante a voz, o que, uma vez pronunciado, se dilui, nem nada susceptível de tantos acidentes do tipo daqueles que se observam na nossa palavra, mas o que o reconhecemos como essencialmente subsistente, na posse da livre vontade, de atividade, de onipotência.

**3.** E assim, uma vez aprendida a existência de um Espírito de Deus, que acompanha o Verbo e manifesta sua atividade, tampouco o entendemos como sopro de um respiro. Com efeito, seria rebaixar verdadeiramente a grandeza do poder divino, se concebêssemos o Espírito que há em Deus à semelhança de nossa respiração. Ao contrário, tínhamos pensado em uma potência subsistente que vive em si mesma com subsistência própria, inseparável de Deus no qual reside, e do Verbo de Deus, ao qual se une, e que não se reabsorve na inexistência, mas que, à semelhança do Verbo de Deus, possui existência substancial, dotada de vontade, movimento próprio, atividade, uma potência que escolhe sempre o bem e que para realizar todo o seu desejo tem um poder correspondente à sua vontade.<sup>5</sup>

### *Unidade e pessoas distintas*

**III.1.** Por conseguinte, quem perscruta atentamente as profundidades do mistério, chega em sua alma a certa inteligência, limitada,<sup>6</sup> é verdade, em razão de seu caráter inefável, da doutrina revelada relativa ao conhecimento de Deus, sem, porém, poder esclarecer com as palavras esta inefável profundidade do mistério: como é que o mesmo objeto é numerável e, ao mesmo tempo, escapa à numeração, e como se pode considerá-lo como distinto em suas partes e, ao mesmo tempo, o concebemos como unidade, e como é que está sujeito a distinção mediante o conceito de pessoa e não está dividido na substância.

#### *Que é uma pessoa?*

**2.** Através do conceito de pessoa, o Espírito é realidade distinta do Verbo, e é distinto também Aquele que possui o Verbo e o Espírito; mas, uma vez compreendido o que os distingue, verás também que a unidade da natureza não admite divisão, de modo que o poder da monarquia não pode dividir-se fraccionada em diferentes divindades, nem tampouco a doutrina confunde-se com a crença judaica, mas a verdade avança no justo meio entre as duas concepções, eliminando o erro de ambas as escolas e aproveitando o útil (*chrésimon*). O credo judaico se

purifica com a aceitação do Verbo e com a fé no Espírito; o erro pagão do politeísmo se elimina mediante o dogma da unidade de natureza que destrói a ideia fantasista de uma pluralidade.<sup>7</sup>

**3.** Da concepção judaica, portanto, se conserve a unidade da natureza, e, da crença pagã, somente a distinção das pessoas, corrigindo, numa e na outra concepção a impiedade com remédios proporcionados: o número da Trindade é como um remédio para aqueles que erram acerca da unidade, ao passo que, para quem se dispersa no erro da pluralidade, é medicina a doutrina da unidade.

### *A Trindade na Escritura*

**IV.1.** Se, pois, o judeu contradiz estas doutrinas, não nos será difícil rebatê-los à base mesma de seus princípios. Os ensinamentos que os alimentaram colocarão em plena luz a verdade. A existência de um Verbo de Deus e de um Espírito de Deus, como potências substanciais em si, criadoras de todos os seres, que abarcam toda a realidade, permanecerá mais claramente demonstrada pelas Escrituras inspiradas por Deus. Basta recordar um só testemunho, e deixemos aos mais zelosos a tarefa de achar muitos outros.

**2.** “Pelo Verbo do Senhor – diz a Escritura – foram criados os céus e, do Espírito da sua boca, todo o seu exército.”<sup>8</sup> Por que Verbo e por que Espírito, uma vez que nem o “Verbo” significa aqui simplesmente palavra, nem o Espírito quer dizer sopro? Porque seria rebaixar a divindade ao nível humano, à semelhança da nossa natureza, se ensinasse que o Criador do universo dispõe de tal verbo e de tal espírito.

**3.** Como poderia derivar da palavra e dos sopros tal força capaz de constituir os céus e as suas potências? Porque se o Verbo de Deus é igual à nossa palavra e o seu Espírito igual ao nosso, a força que deriva de princípios iguais é idêntica, e a potência do Verbo seria igual à nossa. Mas as nossas palavras são ineficazes e sem consistência, e assim também o sopro que se expele com elas.

**4.** Aqueles que rebaixam a divindade no nível da nossa palavra atribuirão também ao Verbo e ao Espírito de Deus idêntica ineficácia e inconsistência. Mas se, como diz Davi, os céus foram criados pelo Verbo do Senhor, e seus exércitos tiveram consistência por obra do Espírito de Deus, então claramente é estabelecido o mistério da verdade, que nos faz compreender a noção de um Verbo e de um Espírito substanciais.

## **O HOMEM**

### *O incriado e o criado*

**V.1.** Mas a existência de um Verbo e de um Espírito de Deus não poderá ser talvez impugnada nem pelo pagão valendo-se das noções comuns, nem pelo judeu utilizando as Escrituras. Todavia, um e outro podem igualmente rejeitar como inacreditável e indigno da natureza de Deus o plano salvífico (*oikonomía*) do Verbo-Deus a favor do homem. Portanto, partindo de um princípio diverso, reconduzir à fé também neste ponto os nossos adversários.

**2.** Eles julgam que todas as coisas foram criadas pela razão (*logos*) e pela sabedoria daquele que constituiu o universo, ou inclusive colocam dificuldades para admitir esta concepção. Mas se não estão de acordo que uma razão e uma sabedoria presidiram a organização do universo, então atribuirão insipiência e inabilidade ao princípio de tudo. E se isso é admitido como absurdo e ímpio, reconhecerão necessariamente que uma razão e uma sabedoria presidem a organização dos seres. Ora, anteriormente se demonstrou que o Verbo de Deus não significa simplesmente “voz” ou posse de um conhecimento ou de uma sabedoria, mas uma potência substancial em si, que escolhe sempre o bem e é capaz de realizar tudo quanto escolheu; mas, visto que o universo é bom, sua causa é a potência capaz de escolher e de

fazer o bem. E se a constituição de todo o universo depende da potência do Verbo, como demonstrou nosso raciocínio, deve-se necessariamente pensar em uma só causa para a organização das partes do universo, isto é, no próprio Verbo, graças ao qual todas as coisas existem.

### *Criação mediante o Verbo*

**3.** Que se queira chamá-la Verbo, Sabedoria, Potência ou Deus, ou com outro atributo sublime e venerado, não o discutiremos, porque efetivamente, qualquer que seja o vocábulo que se encontre para designar o sujeito, as palavras significam uma só e mesma coisa: a potência eterna de Deus cria todos os seres, pensa naqueles não existentes, abarca os seres criados, e prevê aqueles que existirão.

Assim, pois, este Verbo de Deus, esta Sabedoria, esta Potência é, segundo nossa demonstração lógica, o Criador da natureza humana. Não que alguma necessidade o tenha levado a formar o homem, mas que produziu o nascimento de tal criatura pela superabundância de amor. Com efeito, era necessário que sua luz não permanecesse invisível, nem sua glória sem testemunha, nem sua bondade sem proveito, nem inativas todas as demais qualidades que contemplamos na divindade, [como teria sucedido] de não ter existido quem participasse delas e as desfrutasse.

### *Natureza do homem*

**4.** Portanto, se o homem nasce para isso, para fazer-se partícipe dos bens divinos, necessariamente deve ter uma constituição de tal maneira que possa estar capacitado para participar desses bens. Como o olho é partícipe da luz graças ao elemento luminoso que lhe é próprio por natureza atraindo a si aquilo que lhe é conatural, assim era necessário que na natureza humana se misturasse algo aparentado com o divino, de modo que, graças a esta correspondência, o desejo o movesse em direção àquilo que lhe é familiar.

**5.** Na realidade também na natureza dos seres irracionais, de quantos sucede viverem na água e no ar, cada qual foi organizado em relação ao seu modo de vida, para que, graças à peculiar conformação de seus corpos, cada um encontre familiar e afim, alguns, o ar e, outros, a água. Por conseguinte, era necessário também ao homem, criado para desfrutar dos bens divinos, tivesse em sua natureza algo que fosse afim ao participado. Por essa razão foi agraciado com a vida, com a razão, com a sabedoria, e com todos os bens dignos de Deus, para que cada um deles gerasse nele o desejo de tender para quem lhe é afim. E, visto que uma das qualidades da natureza divina é também a eternidade, era absolutamente necessário que a constituição da nossa natureza não carecesse tampouco deste bem, mas tivesse em si e por si o princípio da eternidade, de modo que, graças a esta potência inata, pudesse conhecer o que está acima dela e tivesse o desejo da eternidade divina.

### *Criado à imagem e semelhança*

**6.** Isto é claramente expresso de modo conciso com uma só palavra no relato da criação do mundo, quando diz que o homem foi criado à imagem de Deus.<sup>9</sup> Na semelhança da imagem se encontra enumerado tudo o que caracteriza a divindade; e tudo quanto sobre isso narra Moisés, antes de tudo no plano de historiador, ao apresentar-nos suas doutrinas em forma de relato, pertence ao mesmo ensinamento, pois, de fato, o paraíso [do Gênesis] e a peculiaridade de seus frutos, que dão àqueles que os degustam, não satisfação do estômago, mas conhecimento e eternidade de vida, tudo isto concorda com as considerações precedentes acerca do homem, no sentido de que originariamente nossa natureza era boa e vivia no bem.

### *Grandeza e miséria*

**7.** Mas pode acontecer que, ao que foi dito, se oponha aquele que considera a situação presente, e pense em refutar como falsidade nosso discurso pelo fato de que, na atualidade, não estamos vendo o homem vivendo na posse desses bens, mas, antes, em uma situação quase de todo oposta. Na realidade onde está este caráter divino da alma? Onde está a liberdade física da dor? Onde está esta imortalidade? Fugacidade da nossa vida, sofrimento, mortalidade, disposição para toda forma de doença corporal psíquica, são esses e outros semelhantes argumentos com os quais o nosso adversário, tendo em mira a nossa natureza, pensará ter refutado o nosso discurso precedente sobre o homem. Mas, para evitar que nosso discurso se desvie o mínimo possível de sua sequência lógica, discutiremos também isso com breves palavras.

**8.** O fato de que a vida humana se desdobre atualmente em condições deformadas não é um razão suficiente para presumir que o homem nunca possuiu esses bens. Com efeito, uma vez que o homem é obra de Deus, que trouxe este ser à existência, movido pela sua bondade, ninguém poderá imaginar, se raciocina bem, que o homem, cuja existência é fruto da bondade, tenha sido constituído no mal por culpa de seu criador: ao contrário, existe uma outra causa que determinou a nossa condição atual e nos privou de uma dignidade maior.

Uma vez mais, o ponto de partida de nosso raciocínio inclui também o assentimento daqueles que nos contradizem. De fato, aquele que criou o homem para fazê-lo partícipe de seus bens e inseriu na sua natureza os princípios de todos os bens, para que, mediante cada um desses, o desejo se orientasse para o correspondente atributo divino, não tivesse podido privá-lo do melhor e mais precioso daqueles bens, quero dizer do dom de sua independência e de sua liberdade.

**9.** Porque, se alguma necessidade regesse a vida do homem, a imagem seria enganosa nesta parte, por tê-la alterado de um elemento diverso do modelo. Como se poderia chamar imagem da natureza suprema aquela que está subjugada e escravizada por certas necessidades? Portanto, o que em tudo feito semelhante à divindade devia forçosamente possuir na sua natureza uma vontade livre e independente, de modo que a participação nos bens divinos fosse prêmio da virtude.

#### *Origem do mal*

**10.** Mas qual é, dirás, a causa pela qual a criatura, uma vez honrada pelos melhores dons em tudo, recebeu em troca desses bens uma condição inferior? Este ponto também se explica facilmente. Nenhuma origem do mal teve o seu princípio na vontade divina, porque a maldade fugiria da condenação, se pudesse dar a Deus o título de seu criador e patrão. Entretanto, de alguma maneira o mal nasce de dentro, produzido pela ação da vontade, sempre que a alma se afasta do bem. Como a vista é uma atividade da natureza e a cegueira é a privação daquela atividade física, assim a mesma oposição ocorre entre a virtude e o vício. Não é, de fato, possível conceber a existência do mal senão como ausência da virtude.

**11.** E como, ao apagar-se da luz, sobrevém a obscuridade, que não existe enquanto aquela está presente, assim também, enquanto o bem está presente em nossa natureza, o mal está privado em si de existência: é o apagar-se do elemento superior que determina a gênese do contrário. Portanto, uma vez que o caráter próprio da liberdade é de escolher livremente o objeto desejado, a causa de teus males não é Deus, que formou a tua natureza independente e livre, mas a vontade perversa que escolheu o pior em vez do melhor.

#### *A causa do mal: o inteligível e o sensível*

**VI.1.** Mas talvez busques também qual possa ser a causa da grave falta na vontade: a isto conduz a sequência lógica do discurso. Uma vez mais também acharemos aqui um princípio

de razão que esclarecerá o nosso assunto. É um ensinamento tradicional que recebemos dos Padres: não é uma exposição de caráter mítico, mas um raciocínio que extrai a sua força persuasiva da nossa própria natureza.

**2.** Dois são os planos que o pensamento divisa na realidade, onde a especulação distingue o mundo inteligível e o mundo sensível. E nada poderia conceber-se fora desta divisão na natureza dos seres existentes. Esses dois planos são distintos profundamente entre si, de modo que nem o mundo sensível traz as marcas do inteligível, nem o mundo inteligível as do sensível, mas cada um deles é caracterizado pelas qualidades opostas. De fato, a natureza inteligível é uma realidade incorpórea, inapreensível e sem forma; a natureza sensível, ao contrário, como o próprio nome indica, está sujeita à percepção dos sentidos.

**3.** Mas como no próprio mundo sensível, onde a oposição entre os elementos é profunda, certo acordo de equilíbrio entre os contrários foi concebido pela sabedoria que preside o universo, e assim toda a criação aparece inteiramente harmonizada, sem que nenhuma dissonância natural interrompa a continuidade do acordo; efetua-se do mesmo modo por obra da sabedoria divina uma mistura e uma combinação do sensível com o inteligível, para que tudo possa participar por igual no bem e nenhum ser permaneça excluído da natureza superior. Assim o lugar próprio da natureza inteligível é a essência sutil e móvel, que, pelo espaço ocupado acima do cosmo, obtém da peculiaridade da sua natureza uma grande afinidade com o inteligível; mas a ação de uma providência superior realiza certa mistura do inteligível com a criação sensível, a fim de que nada na criação possa ser rejeitado, como diz o Apóstolo,<sup>10</sup> nem excluído pela participação no divino.

**4.** Por essa razão manifesta-se no homem a mistura de inteligível e de sensível, que é obra da divina natureza, como ensina o relato da criação do mundo, pois “tomou Deus”, diz, “do limo da terra, plasmou o homem e com o próprio sopro insuflou a vida na sua criatura”,<sup>11</sup> para que de tal o elemento terreno fosse elevado junto com o divino e uma só graça se expandisse por toda a criação mediante a mistura da natureza inferior com a natureza sobre-humana.

#### *Ciúme de Satanás, anjo da terra*

**5.** Portanto, dada a preexistência do mundo inteligível, e tendo sido distribuída a cada uma das potências angélicas, por parte da autoridade que governa o universo, certa atividade em vista da constituição do universo, existia por isso uma potência com o encargo de conservar e governar a esfera terrestre, e para isso havia recebido o poder por parte da potência que rege o universo. Então foi formado aquele ser terrestre qual imagem da potência celeste: e este ser era o homem. E nele havia a divina beleza da natureza inteligível, misturada com uma inefável potência. Por tudo isso aquele que consegue governar sobre a terra julga indigno e insuportável que, da natureza a ele submetida, surja e se manifeste um ser feito à semelhança da dignidade suprema.

#### *O criado está sujeito à mudança*

**6.** Quanto ao fato de explicar como pôde cair no vício da inveja aquele que não tinha sido criado para mal algum por quem ordenou tudo para o bem, não é tarefa da presente obra tratá-lo detalhadamente, mas será possível expor a doutrina, ainda que brevemente, para os mais fáceis de persuadir.

De fato, a oposição entre virtude e vício não se entende como oposição de duas coisas que aparecem como substâncias realmente existentes, mas, como o não-ser se opõe ao ser, e não se pode dizer que tal oposição seja substancial – ao contrário, dizemos que a não-existência se opõe à existência –, do mesmo modo o vício se opõe ao conceito da virtude, não enquanto existente em si mesmo, mas enquanto se concebe pela ausência de bem. E como dizemos

que a cegueira se opõe à vista, não porque a cegueira exista por natureza em si mesma, mas porque a posse precede à privação, assim também afirmamos que o mal se entende como privação do bem, como uma sombra que sobrevém ao mesmo tempo em que a luz se retira.

7. Ora, a natureza criada não é susceptível do movimento no sentido de mudança, de transformação ou de alteração, e tudo isso que existe por criação está ligado naturalmente à mudança, uma vez que a mesma existência do criado tem a sua raiz na mudança, tendo o não-ser passado ao ser graças ao poder de Deus. Aí já havia, porém, a mencionada potência criada, que escolhe aquilo que julga [bom] com o movimento da sua vontade livre: e quando aquela criatura fecha os olhos ao bem e à aquilo que não é afetado pela inveja, como aquele que, fechando os olhos diante do sol, vê as trevas, assim também ela, pelo mero fato de não querer o bem, concebeu o contrário do bem. E isso é a inveja.

*O anjo decaído se converte em tentador*

8. É reconhecido por todos que o princípio de algo é causa das consequências que logo sobrevém, como, por exemplo, à saúde seguem o vigor, a atividade e a vida prazerosa, enquanto à doença, seguem o estar fraco, o ser inativo e a vida tediosa. Assim também todas as outras coisas seguem conseqüentemente às causas que lhe são próprias. Como, portanto, a ausência de paixões constitui o princípio e o fundamento da vida virtuosa, assim a tendência ao vício causada pela inveja abre o caminho para todos os males que com ela se manifestam.

9. Não somente aquele que fez nascer em si a inveja, afastando-se da bondade, tornou-se propenso ao vício, como uma pedra desgarrada do cume de uma montanha é arrastada para baixo em virtude de seu próprio peso, assim também ele, arrancado de sua afinidade natural com o bem e impelido para o vício, viu-se arrastado por seu próprio impulso e, por assim dizer, por seu próprio peso até o extremo limite da maldade, e a faculdade de pensar que havia recebido de seu criador para colaborar na participação do bem, ele a converteu em colaboradora para inventar desígnios maus, e habilmente seduziu o homem mediante o engano, persuadindo-o a dar a si mesmo a morte e a tornar-se suicida.

10. Com efeito, o homem, corroborado pela benevolência divina, fora elevado a um alto grau de dignidade, pois foi-lhe determinada a tarefa de reinar sobre a terra e sobre quanto há nela.<sup>12</sup> Era belo de aspecto, pois tinha sido feito como imagem da beleza exemplar, e livre de paixões por natureza, enquanto era imitação daquele que não conhece paixões; plenamente dotado de segurança interior, porque se saciava da aparição de Deus mesmo face a face: eram esses os incentivos que alimentavam no inimigo a paixão da inveja.

*Queda do homem*

11. Mas ele não era capaz de executar o seu propósito usando a força e a violência de seu poder, porque a potência do dom divino sobrepujava a força dele; por isso, tramou enganos para arrancar o homem da potência que o tornava forte, e torná-lo facilmente disponível à sua inveja. E como em uma lamparina, quando o fogo tomou toda a mecha, se não é possível apagar a chama soprando, ao óleo se mistura água para extinguir com esta artimanha a chama, assim também o inimigo, misturando através do engano a maldade à livre vontade do homem, produziu certa extinção e obscurecimento da bênção, e faltando esta, necessariamente se introduz em seu lugar o contrário. Ora, à vida se opõe a morte; à força, a fraqueza; à bênção, a maldição; à fraqueza no falar, a vergonha, e a todos os bens (se opõem) os males que a mente considera contrários. É por isso que a humanidade se encontra imersa nos males presentes, depois que aquele princípio deu início a este resultado.

*O Criador seria mau?*

**VII. 1.** E que ninguém pergunte se Deus, ainda prevendo a calamidade que se abateria sobre a humanidade como consequência de sua imprudência, decidiu criar o homem para quem não existir talvez fosse mais proveitoso que viver entre males. Na realidade esses são os argumentos que apresentam aqueles que se deixam arrastar por engano às doutrinas maniqueias, com o escopo de demonstrar com isso que o criador da natureza humana era mau. Se Deus nada ignora daquilo que existe, e o homem, de outro lado, vive no mal, de modo algum salvaguardaria a doutrina da bondade de Deus, se é que realmente trouxe à vida o homem destinado a viver entre os males. Porque se a atividade no bem, dizem, é característica absoluta de uma natureza boa, esta vida miserável e mortal não poderia estar referida à atividade de um ser bom, mas que de semelhante vida é necessário pensar que a causa é diversa, propensa por natureza ao mal.

*Onde reside o mal?*

**2.** Com efeito, todos esses e semelhantes argumentos, graças à sua superficial verossimilhança, apresentam certa força sugestiva para aqueles que estão profundamente impregnados de tradição herética, como de certa tinta indelével; porém, quem penetra mais a fundo a verdade poderá compreender claramente que são argumentos falazes e como esses fornecem a prova de seu engano. E parece-me bem propor neste caso o Apóstolo como advogado de minha acusação contra eles. Em seu discurso aos Coríntios, ele distingue as condições das almas em carnis e espirituais, mostrando com as suas palavras, creio eu, que não convém julgar o bem e o mal mediante a sensação, mas, afastando a mente dos fenômenos corporais, distinguir por si mesmas a própria natureza do bem e a natureza do mal, porque “o homem espiritual – como ele diz – julga tudo”.<sup>13</sup>

**3.** É esta para mim a razão que produziu naqueles que aduzem tais motivos as fantasias daquelas doutrinas: reduzindo a definição do bem ao prazer do gozo corporal, pelo fato de que a natureza do corpo está sujeita necessariamente a misérias e a doenças sendo composta e destinada à dissolução, e, uma vez que a tais doenças se segue uma sensação dolorosa, [por tudo isso] eles julgam obra de um deus mau a criação do homem. Se, ao menos, a sua mente tivesse descortinado algo mais elevado e, afastando suas mentes de toda disposição voluptuosa, teriam direcionado o olhar, livre de paixões, para a natureza dos seres, teriam acreditado que o mal não tem nenhuma existência fora do vício. A natureza específica de todo o mal consiste na ausência do bem, pois não tem uma existência própria, nem pode ser considerado substancial; porque nenhum mal existe em si mesmo fora da vontade; ao contrário, se assim o chamamos, é pela ausência do bem. Ora, aquilo que não existe não é uma realidade, e isto que não é realidade não pode ter sido o criador daquele que criou a realidade.

*Quem é o responsável do mal?*

**4.** Por conseguinte, Deus é estranho a toda causalidade do mal, sendo criador daquilo que existe e não daquilo que não existe: Ele criou a vista e não a cegueira; suscitou a virtude e não a privação da virtude; ele dispensou como prêmio da boa vontade o dom de seus bens àqueles que regulam virtuosamente a própria vida, sem submeter à natureza humana o jugo de sua própria vontade com violenta necessidade, arrastando-a forçosamente ao bem como um objeto inanimado. Se, quando o sol resplandece límpido do céu claro, abaxamos voluntariamente as pálpebras e permanecemos sem visão, não podemos culpar o sol de que não vejamos.

*O mal supremo: a morte*

**VIII.1.** Mas quem observa a dissolução do corpo experimenta uma profunda perturbação e

aceita com dificuldade que a nossa vida se dissolva com a morte, e julga como o pior dos males o extinguir-se da nossa vida na tumba. Assim, pois, considere-se a superabundância do benefício divino através desta triste condição, pois talvez por meio deste meio alguém se sinta, antes, levado a admirar a benevolência da solicitude de Deus pelo homem.

**2.** Quem participa da vida considera preferível o viver, por causa do gozo das coisas desejáveis. De fato, para quem passar a vida nos sofrimentos, vale muito mais, nesta condição, não existir no meio da dor. Examinemos, portanto, se o doador da vida tenha uma intenção diversa daquela de fazer-nos viver nas melhores condições.

### *Morte e ressurreição*

**3.** Quando, por um livre movimento da nossa vontade, nos atraímos à participação no mal, fazendo penetrar mediante certo prazer o mal em nossa natureza como veneno misturado ao mel, caindo por isso da felicidade que nós concebemos como ausência de paixões, tenhamos suportado uma transformação em direção ao mal: por tudo isso o homem se decompõe e retorna à terra como um vaso de argila, para que, uma vez separada a impureza que traz consigo, seja reconstituído mediante a ressurreição na sua forma originária.

**4.** É esta a doutrina que nos apresenta Moisés como verdade histórica e sob o véu da alegoria. Só que as próprias alegorias contêm um ensinamento claríssimo. Com efeito, quando os primeiros homens, como é dito, caíram no proibido e foram privados daquela felicidade, o Senhor impôs-lhes túnicas de pele; mas o verdadeiro sentido do relato não me parece referir-se a peles comumente entendidas: de fato, de que espécie de animais mortos e esfolados se pensa que era esta vestimenta? Mas, visto que toda pele separada do animal é coisa morta, estou plenamente convencido de que a condição mortal, antes reservada à natureza irracional, tenha sido infligida aos homens por aquele que é o médico da nossa maldade, mas não para que permanecesse sempre: na realidade a vestimenta faz parte das coisas que nos envolvem por fora e ocasionalmente proporcionam proveito ao corpo, mas de modo algum é inerente à natureza.

### *Da morte à imortalidade*

**5.** A condição mortal, portanto, por analogia com a natureza dos seres irracionais, foi conferida segundo o plano da providência à natureza criada para a imortalidade: envolve seu exterior, não seu interior; abarca a parte sensível do homem, mas sem tocar sequer a imagem divina. Mas a parte sensível se dissolve, não é destruída, pois, enquanto a destruição é a passagem ao nada, a dissolução é o retorno aos elementos do cosmo dos quais foi constituída. Mas o que se acha nessas condições não está perdido, embora escape à nossa percepção sensível.

**6.** A causa da dissolução resulta clara do exemplo que havíamos proposto. Com efeito, uma vez que a percepção sensível está estreitamente ligada ao elemento sólido e terrestre, e a natureza intelectual é superior aos movimentos da sensação, por isso mesmo, quando falha o discernimento do bem na prova dos sentidos, e este fracasso do bem produz a constituição do estado contrário, então a parte de nós desgastada por ter acolhido o elemento contrário está sujeita à dissolução. E este é o sentido do exemplo. **7.** Suponhamos um vaso feito de argila e que alguém com maldade o tenha enchido de chumbo fundido; e que o chumbo vertido tenha se solidificado e permaneça assim sem que se possa derramar. Então o proprietário do vaso reclama, e conhecendo a arte da olaria, quebra o invólucro ao redor do chumbo; portanto, constrói novamente um vaso segundo sua primeira forma e para sua utilização própria, uma vez esvaziada daquela matéria que aí se tinha misturado. É do mesmo modo que procede o oleiro de nosso vaso: como o mal se mesclara à parte sensível, quer dizer à parte corporal, [o Criador], depois de ter dissolvido a matéria que havia recebido o mal e de remodelar outra vez,

mediante a ressurreição, o vaso, sem mescla de contrários, o reconstruirá com seus elementos restituídos à sua beleza originária.

### *Corpo e alma*

**8.** Uma vez que entre a alma e o corpo há certa união e certa comunidade na participação nos males ligados ao pecado e que há certa analogia entre a morte do corpo e a da alma – como, de fato, para a carne chamamos morte o fato de que ela seja separada da vida sensível, assim também em relação à alma chamamos morte a sua separação da verdadeira vida – visto que, portanto, como se disse acima, uma participação comum no mal se observa tanto para a alma como para o corpo, pois graças a ambos o mal entra em ação; por essa razão, a morte como dissolução, que resulta do revestimento das peles mortas, não atinge a alma. Com efeito, como poderia dissolver-se o que não é composto?

**9.** Mas, como há necessidade de que também a alma seja libertada mediante certa cura das manchas contraídas em decorrência de suas culpas, eis que na vida presente lhe foi concedido o remédio da virtude como medicina para as feridas deste gênero. Mas se a cura não intervém, o tratamento é reservado para a vida futura.

### *Doença do corpo*

**10.** Entretanto, como para o corpo há diferentes enfermidades, das quais algumas se prestam mais facilmente à cura e outras com maior dificuldade, e para essas últimas se recorre às incisões, às cauterizações, às poções amargas para eliminar os males que se abateram sobre o corpo, do mesmo modo tratamentos análogos nos são anunciados pelo juízo futuro para a cura das enfermidades da alma, e isto, para os mais frívolos, é ameaça e método de correção severos, a fim de que o temor de uma expiação dolorosa nos faça tornar-se sábios e nos leve a fugir do mal; mas para aqueles que são mais sensatos, a fé assegura que é uma cura e um tratamento salutar da parte de Deus que deseja reconduzir a sua criatura à graça originária.

**11.** Com efeito, aqueles que eliminam com incisões ou mediante cauterização as excrescências e as verrugas que se formaram no corpo contra a natureza, não conseguem uma cura sem dores ao beneficiário do tratamento; mas, ao menos, não praticam a incisão para causar um dano ao paciente; assim também todas as excrescências materiais que se formaram em nossas almas tornadas carnis sob o efeito de sua participação nas más disposições do corpo, são, no tempo oportuno daquele juízo, cortadas e eliminadas por aquela infável sabedoria e pela potência daquele que, segundo diz o Evangelho, é médico dos pecadores: “Não são de fato, diz ele, os sãos, que têm necessidade do médico, mas os doentes”.<sup>14</sup>

### *A alma e o mal*

**12.** O forte liame existente entre a alma e o mal leva à seguinte consequência: a incisão da verruga causa uma sensação dolorosa na pele, porque o que se inseriu na natureza contra a própria natureza adere à substância por uma espécie de simpatia, e se produz uma mistura inesperada do elemento estranho com o nosso próprio ser, de modo que a separação do que é contra a natureza produz uma aguda sensação de dor; pois assim também, quando a alma se extenua e se consome entre as repreensões que merece seu pecado, como se expressa uma passagem da profecia,<sup>15</sup> por causa da união profunda que a une ao mal, necessariamente se acompanham de sofrimentos indizíveis e inexprimíveis, cuja descrição é tão impossível como a da natureza dos bens que esperamos. Nem uns nem outros de fato se prestam aos meios expressivos da linguagem ou às conjecturas do pensamento.

## *Deus não é responsável pelo mal*

**13.** Se, portanto, se considera o objetivo que se propõe em sua sabedoria Aquele que governa o universo, não se poderá mais, em boa lógica, designar em um movimento de mesquinhez o criador da humanidade como responsável pelos males, dizendo que ele ou não conhece o futuro, ou, conhecendo-o, não é estranho à tendência para o mal; porque realmente Deus conhecia o futuro, e não impediu o movimento em direção ao que se produziu. Que, de fato, o gênero humano se desviaria do bem, não o ignorava Aquele que domina tudo por sua faculdade de conhecer e vê tanto o futuro como o passado.

**14.** Mas, como ele viu antecipadamente o desregramento do homem, assim também ele previu chamá-lo outra vez para o bem. Mas o que era melhor: não trazer a nossa natureza à existência, uma vez que previa que a criatura se desviaria do bem, ou trazê-la e, uma vez tornada enferma, chamá-la novamente à graça originária mediante a conversão?

**15.** O fato de apelar aos sofrimentos corporais, que afetam necessariamente a parte inconstante de nossa natureza, para nomear a Deus como autor dos males ou recusar absolutamente de considerá-lo como criador da humanidade, a fim de não imputar-lhe a causa das nossas dores, é o cume da mesquinhez de espírito daqueles que julgam o bem e o mal segundo as impressões sensíveis e que não sabem que é bom por natureza somente aquele que não está em contato com a sensação, e que unicamente mal é o afastamento do verdadeiro bem.

**16.** Mas julgar o bem e a ausência do bem segundo o critério das penas e dos prazeres é próprio da natureza irracional, isto é, daqueles seres que, sendo privados de pensamento e inteligência, não têm a concepção do verdadeiro bem. Mas que o homem seja obra de Deus, que foi criado bom e destinado aos maiores bens, é o que mostram claramente não somente o que acaba de ser dito, mas também muitas outras razões que, por serem muitas, deixaremos de lado.

**17.** Ora, nomeando a Deus como criador do homem, não havíamos esquecido o que estabelecemos cuidadosamente no próêmio contra os pagãos: aí demonstramos que o Verbo de Deus, sendo substancial e dotado de subsistência, é ele mesmo simultaneamente Deus e Verbo, que abarca toda potência criada, melhor ainda, que Ele mesmo é a potência em si, com o impulso para tudo o que é bem, capaz de efetuar tudo quanto deseja porque a potência está associada à sua vontade, o seu querer e a sua obra são a vida dos seres existentes; é por Ele que o homem foi chamado à vida, depois de ter sido adornado com os bens maiores à imagem de Deus.

**18.** E uma vez que é imutável por natureza somente o que não tem existência por via de criação, os seres, ao contrário, vindos à existência a partir do não-ser por obra da natureza incriada, tendo começado a existir a partir desta mesma transformação, procedem por via de mudança contínua: se a criatura age segundo sua natureza, esta mudança se produz sempre no sentido do melhor, e se, porém, ela se desvia do caminho reto, então se produz um movimento que a arrasta incessantemente para o sentido contrário.

**19.** Como o homem pertence também a esta categoria de seres, cujo caráter mutável da sua natureza tinha feito resvalar no sentido contrário, uma vez que tenha se desviado do bem, todas as formas do mal se introduzem, por via de consequência, no lugar do bem; o fato de afastar-se da vida ocasiona, em contrapartida, a morte; o fato de privar-se da luz teve como consequência a obscuridade; com a ausência de virtude se introduz o mal, e todas as formas de bem se substituem progressivamente pela série dos males opostos: o homem, portanto, que caiu nesses males e em outros do mesmo gênero, sob o efeito de sua irreflexão – pois não era

possível permanecer na sabedoria aquele que se desviara da razão, nem podia tomar qualquer decisão sábia aquele que se afastara da sabedoria – este, digo, por meio de quem necessitava ser novamente chamado à graça originária?

**20.** A quem convinha erguer aquele que estava caído, chamar à vida aquele que se perdera, guiar aquele que se desgarrara? A quem mais, senão ao Senhor absoluto da natureza? Àquele somente que desde o princípio outorgou a vida na origem era possível e conveniente reanimar a vida, mesmo já extinta. É isto que aprendemos do mistério da verdade, que nos ensina que Deus criou o homem na origem e o salvou, depois que ele conhecera a queda.

## CRISTO

### *A Encarnação*

**IX.1.** Até aqui, aquele que considera o encadeamento lógico das ideias dará talvez seu assentimento ao que expus, porque nada do que foi dito lhe parecerá incompatível com uma concepção digna de Deus. Mas não terá a mesma atitude diante dos fatos sobre os quais se fundamenta principalmente o mistério da verdade: o nascimento humano (de Cristo), seu crescimento desde a infância até a maturidade, o fato de comer e de beber, a fadiga, o sono, a dor e as lágrimas, a falsa acusação e o tribunal, a cruz, a morte, o enterro no sepulcro; esses fatos, que são parte integrante do mistério da fé, enfraquecem de algum modo a fé das almas mesquinhas, a tal ponto que as doutrinas antes apresentadas não lhes permitem aceitar nem mesmo a sequência do raciocínio. Com efeito, o que há de verdadeiramente digno de Deus na ressurreição dentre os mortos, esses não o admitem por causa do inconveniente que reveste a morte.

**2.** Antes de tudo, julgo que, afastando um pouco a razão da materialidade carnal, deve-se entender o bem em si mesmo e aquilo que dele difere, procurando saber por quais notas distintivas a inteligência reconhece um e outro. Penso que ninguém, que tenha refletido com maturidade, contestará que, entre todas as coisas, uma só é vergonhosa por natureza, a saber: a enfermidade ligada ao mal, e o que está fora do mal é estranho a toda vergonha. Ora, ao que nada possui de vergonhoso é considerado sem dúvida como fazendo parte do bem, e o que é verdadeiramente bom não tem nenhuma mistura com o seu contrário. Mas tudo o que é percebido como fazendo parte do âmbito do bem é digno de Deus.

**3.** Demonstrem, portanto, que são coisas más, o nascimento, a educação, o crescimento, o progresso para a maturidade natural, a prova da morte e a ressurreição dos mortos! Do contrário, se se concorda que as realidades mencionadas estão fora do mal, deveremos reconhecer que aquilo que é estranho ao mal nada tem de vergonhoso. Mas uma vez demonstrado que necessariamente é bom o que está livre de todo mal e de toda vergonha, como não lastimar a estultícia de quem sustenta que o bem não convém a Deus?

*União das duas naturezas: o Infinito pode estar contido nos limites do finito?*

**X.1** Mas, dir-se-á, a natureza humana é coisa pequena e fácil de circunscrever (*euperigrápton*), ao passo que a divindade é infinita; como o infinito pode estar contido no átomo [isto é, no indivíduo humano]? E quem diz que o infinito da divindade foi encerrado nos limites da carne como em um recipiente? Porque nem sequer em nossa própria vida a natureza pensante está confinada nos limites da carne.

**2.** Certamente o volume do corpo é delimitado por suas próprias partes, mas a alma, graças aos movimentos do pensamento, se estende de bom grado à criação, eleva-se até os céus, penetra nos abismos, percorre toda a extensão da terra, desce com a sua atividade até as regiões subterrâneas, e assim chega frequentemente a compreender também as maravilhas

dos céus, sem que a incomode o peso do corpo.

**3.** Se a alma humana, unida ao corpo por exigência da natureza, está à vontade por todas as partes, que necessidade obriga dizer que a divindade está encerrada na natureza carnal em vez de fazer-nos uma representação digna da economia divina, servindo-nos de exemplos compreensíveis? Assim, no caso da lâmpada, vê-se a chama aderir à matéria que a alimenta, e enquanto a razão distingue o fogo que está na matéria e a matéria acende o fogo, de fato é impossível separar ambos os elementos entre si para mostrar a chama em si mesma desvinculada da matéria, mas ambos juntos constituem uma só coisa: assim também no objeto que tratamos.

**4.** E que ninguém acrescente ao nosso exemplo considerações sobre o caráter perecível do fogo, mas que se retenha na imagem somente o que convém e se exclua o que é incongruente! Da mesma maneira, portanto, como vemos também a chama aderir à matéria sem estar encerrada pela matéria, que coisa impede, ao considerar a união e o contato de uma natureza divina com a humanidade, de salvaguardar a justa concepção de Deus também neste contato, estando firmemente convictos de que a divindade está fora de toda delimitação, mesmo se ela está no homem?

*A Encarnação: mistério insondável do modo de união entre a divindade e a humanidade*

**XI.1.** Mas se perguntas como a divindade se mescla com a humanidade, é oportuno perguntar-te primeiramente o que é a união íntima da alma com a carne. E se tu ignoras o modo como a alma se une ao corpo, não penses de forma alguma que devas ser capaz de compreender o primeiro. Mas como no primeiro caso temos a convicção de que a alma é diversa do corpo, pelo fato de que a carne, uma vez separada da alma, é morta e sem atividade, sem que conheçamos o modo desta união, assim também no segundo caso reconhecemos que a natureza divina difere da natureza mortal e perecível no sentido de uma majestade mais eminente, sem, porém, que sejamos capazes de apreender o modo de mistura do divino com o humano.

**2.** Entretanto, que Deus tenha nascido em uma natureza de homem, não o duvidamos, graças aos milagres que são narrados; quanto, porém, ao como, renunciamos a compreendê-lo, porque é superior à capacidade dos nossos raciocínios. Com efeito, embora acreditemos que toda a criação corporal e inteligível subsiste por obra da natureza incorpórea e incriada, nem por isso examinamos juntamente com a fé nesses pontos a origem e o como. Mas, admitindo a realidade da criação, renunciamos a toda curiosidade indiscreta sobre o modo como o universo foi organizado, porque é uma questão inteiramente misteriosa e inexplicável.

*Provas da Encarnação: os milagres*

**XII.1.** Quem procura as provas de que Deus se manifestou a nós na carne, que considere os efeitos reais, porque da existência de Deus em sua plenitude não se pode ter outra prova senão o testemunho de suas obras. Portanto, da mesma maneira que, quando contemplamos o universo e examinamos as disposições relativas ao mundo bem como os benefícios de origem divina operados em nossa vida, compreendemos que existe uma potência superior ao mundo que cria o que vem a ser e conserva o que existe, assim também em relação ao Deus que se manifesta a nós na carne, julgamos como prova suficiente da manifestação de Deus os milagres em seus efeitos, considerando nas ações narradas todos os aspectos que são característicos da natureza divina.

**2.** É prerrogativa de Deus dar a vida aos homens, pertence a Deus dar alimento e bebida a quem é partícipe da vida carnal, pertence a Deus beneficiar a quem está na necessidade, pertence a Deus restabelecer com a saúde a natureza alterada pela doença, pertence a Deus

reinar de igual modo sobre toda criação, sobre a terra, sobre o mar, sobre o ar e sobre as regiões acima do ar, pertence a Deus ter uma potência adequada para tudo e, antes de tudo, ser superior à morte e à corrupção. **3.** Se, portanto, o relato em questão tivesse omitido alguma dessas ou semelhantes prerrogativas, com razão aqueles que são alheios à nossa fé poderiam recusar o mistério de nossa fé; mas, se nas narrações que falam de Deus, podemos encontrar tudo o que permite conceber a Deus, onde está o impedimento para a fé?

### *Nascimento e morte de Cristo*

**XIII.1.** Mas – dizem – nascimento e morte são algo próprio da natureza carnal. Eu o digo também; mas a condição que precede o nascimento [de Cristo] e a que há depois da morte são estranhas às respectivas condições da nossa natureza. Com efeito, se consideramos as duas extremidades da vida humana, sabemos qual é o nosso princípio e o nosso fim. É sob o efeito de uma paixão (*pathos*) que o homem começa a existir; é igualmente em um estado de paixão (*pathos*) que ele termina sua vida.<sup>16</sup> Aqui (no caso de Cristo), ao contrário, nem o nascimento começou a partir de uma paixão, nem a morte termina em uma paixão, porque nem o prazer determinou o nascimento, nem a corrupção sucedeu à morte.<sup>17</sup>

**2.** Não acreditas neste milagre? Alegro-me pela tua incredulidade, pois estás reconhecendo plenamente que os milagres superam a natureza, pelas mesmas razões pelas quais julgas que o quanto foi dito supera a fé. Portanto, seja para ti prova da divindade daquele que se manifestou [na carne] justamente este fato: que o Evangelho pregado não segue os procedimentos da natureza. Com efeito, se as narrações sobre Cristo se desdobrassem dentro dos limites da natureza, onde estaria o divino? Mas se o anúncio ultrapassa a natureza, nos próprios motivos da tua incredulidade existe a prova de que é Deus aquele que nós anunciamos.

**3.** O homem nasce da união de dois elementos, e depois da morte ele conhece o estado de decomposição. Se este fosse o conteúdo da pregação evangélica, recusarias decisivamente reconhecer como Deus aquele que da nossa pregação resultasse sujeito às condições próprias da nossa natureza. Mas, como ouves repetir que ele [Cristo] nasceu, mas não conservou a comunhão com a nossa natureza seja pelo modo do nascimento, seja por não ser susceptível de mudança que conduz à corrupção, conviria, segundo a lógica, orientar tua incredulidade no sentido oposto, recusando pensar que Ele seja um homem como aqueles que se veem conforme a natureza.

**4.** Porque quem não acredita que ele possui tal natureza humana será induzido necessariamente a crer que era Deus. Com efeito, quem nos refere seu nascimento, ao mesmo tempo, nos explica que nasceu de uma virgem. Por conseguinte, se se deve acreditar em seu nascimento à base de quanto foi dito, esta mesma base nos impede de duvidar de que o seu nascimento tenha acontecido naquele modo.

**5.** Quem falou do nascimento acrescentou também que o nascimento foi de uma virgem; e aquele que mencionou a morte, acrescentou a ressurreição. Se, portanto, em razão do que tu ouves, tu concordas que ele [Cristo] morreu e que nasceu, em virtude das mesmas razões, tu concordarás necessariamente que seu nascimento e sua morte são isentas de toda forma de *pathos* (paixão). Mas essas são coisas que superam justamente a natureza. Portanto, tampouco está no domínio da natureza aquele cujo nascimento se demonstrou que ocorreu em condições que superam a natureza.

*Qual é o motivo da Encarnação?*

*Resposta: A Filantropia de Deus*

**XIV.** Qual é, portanto, a razão, diz-se, pela qual a divindade se abaixou até esta condição tão vil a ponto de que a fé hesita em crer em Deus, o ser infinito, incompreensível, inefável, que ultrapassa toda representação e toda grandeza, que se mistura com a impureza da natureza humana, de sorte que suas atividades sublimes são depreciadas por esta mistura com a baixaza?

**XV.1.** Não temos dificuldade para dar a esta objeção uma resposta adequada à grandeza divina. Desejas saber o motivo do nascimento de Deus entre os homens? Se eliminares da vida os benefícios que procedem de Deus, não poderás dizer por quais sinais distintivos tu reconheces o divino. Pois são os próprios benefícios que recebemos que nos fazem reconhecer o benfeitor: considerando o que acontece ao nosso redor, conjecturamos por analogia a natureza do benfeitor. Se, portanto, o amor pela humanidade (*philanthrōpia*) é uma característica própria da natureza divina, eis a razão que tu procuravas, o motivo da presença de Deus entre os homens.

*O homem “visitado”*

**2.** Com efeito, nossa natureza, minada pela enfermidade, tinha necessidade do médico; o homem, caído, necessitava de alguém que o levantasse, aquele que tinha perdido a vida necessitava do autor da vida, aquele que se desviara da participação do bem necessitava daquele que reconduz ao bem, anelava a presença da luz aquele que estava aprisionado nas trevas; o escravo procurava o libertador; o prisioneiro, o defensor; o subjugado na escravidão, o redentor. E esses eram os motivos de tal modo insignificantes e indignos para fazer que Deus hesitasse em descer até nós para visitar a natureza humana, que jazia em uma condição tão miserável e infeliz?

*Não podia Deus salvar o homem com seu único poder?*

**3.** Mas, dizem, era possível que Deus fizesse o bem ao homem e permanecesse imune a toda paixão (*apatheia*). Aquele que organizou o universo com um ato de vontade e com um só impulso de sua vontade deu existência ao não-ser, por que não arrancou também o homem do poder do inimigo com uma autêntica autoridade divina para reconduzi-lo à condição originária, se isto lhe agradava? Ao contrário, ele percorre um caminho longo e complexo, revestindo a natureza corporal, entrando na vida mediante o nascimento, percorrendo sucessivamente todas as etapas da vida, fazendo, em seguida, a experiência da morte, e assim, mediante a ressurreição de seu corpo, alcança seu objetivo, como se não lhe fosse possível salvar o homem com um decreto, permanecendo nas alturas de sua glória divina, e prescindir de um itinerário tão complicado. É preciso, portanto, de nossa parte, estabelecer a verdade diante das objeções de tal gênero, com o objetivo de eliminar todo impedimento à fé daqueles que procuram com cuidado a explicação racional do mistério.

**4.** Examinemos, portanto, em primeiro lugar, o que é exatamente o contrário da virtude, questão que já foi abordada de algum modo precedentemente. Como a obscuridade se opõe à luz e a morte à vida, assim também a maldade e não outra se opõe claramente à virtude. Entre as numerosas coisas que observamos na natureza, nenhuma se opõe à luz ou à vida – nem a pedra, nem o lenho, nem a água, nem o homem nem qualquer outra das coisas existentes – excetuando o que é percebido como propriamente contrário, a saber: a obscuridade e a morte; pois o mesmo ocorre com a virtude: ninguém poderia dizer que se concebe como contrária a ela alguma coisa criada, senão a noção de vício.

*Através da Encarnação, a natureza divina não foi abaixada*

**5.** Se tivéssemos sustentado em nosso ensinamento que a divindade nasceu na maldade, o

nosso adversário teria ocasião para atacar a nossa fé acusando-nos de opinar coisas absurdas e inconvenientes sobre a natureza divina: porque seria na verdade iníquo dizer que a sabedoria em pessoa, a bondade e a incorruptibilidade e toda possível noção e denominação sublime se tenham degenerado e transformado em seu contrário.

6. Se, portanto, Deus é a verdadeira virtude, e nenhuma natureza se contrapõe à virtude, fora da maldade, se Deus assume, não a maldade, mas a natureza humana, e se unicamente é indigno de Deus e vergonhoso o *pathos* (paixão) ligado ao mal, estado no qual Deus não nasceu nem podia nascer em virtude de sua natureza, por que então ter vergonha de reconhecer que Deus entrou em relação estreita com a natureza humana, visto que nenhuma oposição com o conceito de virtude se pode observar na constituição do homem? Com efeito, nem a faculdade de raciocinar, nem a de compreender, nem a de conhecer, nem qualquer outra do mesmo gênero, constitutivas da natureza humana, se opõem à noção de virtude.

*O nascimento e a morte de Cristo não são afetados por um pathos*

**XVI.1.** Mas – dizem – a própria mudança (*tropē*) que afeta nosso corpo é uma forma de *pathos* (paixão). E aquele que nasce neste corpo encontra-se afetado por este *pathos*; ora, a divindade é isenta de todo *pathos*. Tem-se, portanto, uma concepção errônea de Deus se se sustenta que aquele que é naturalmente isento de *pathos* encontrou-se em comunhão com esta forma de *pathos*.

*Precisões sobre o sentido próprio de pathos*

Mas a estas objeções responderemos ainda com o mesmo argumento: o termo “*pathos*” é ora utilizado em sentido próprio, ora em sentido impróprio. Assim, o que está em relação com a vontade e faz passar da virtude ao vício, é verdadeiramente um *pathos*; ao contrário, tudo o que se vê, na natureza, em toda a extensão de seu desenvolver-se progressivo, segundo um encadeamento que lhe é próprio, deveria ser chamado mais propriamente um modo de agir do que uma paixão; assim o nascimento, o crescimento, a conservação do sujeito através do processo de absorção e evacuação dos alimentos, a concorrência dos elementos para formar o corpo, e, inversamente, a dissolução do composto e retorno aos elementos afins.

2. Com quem, portanto, a divindade entrou em contato segundo os ensinamentos do mistério de nossa fé? Com o *pathos* propriamente dito, isto é, com o vício, ou com a mutabilidade própria da nossa natureza? Porque, se o nosso ensinamento sustentasse que a divindade desceu naquelas realidades inaceitáveis, seria preciso fugir do absurdo desta doutrina, uma vez que não oferece nenhuma ideia sensata sobre a natureza divina; se, ao contrário, o ensinamento da fé afirma que Deus se uniu à nossa natureza, que havia encontrado nele o princípio de sua origem e de sua subsistência, onde está o erro da mensagem cristã sobre a concepção digna de Deus, dado que em nossas ideias sobre Deus, nenhuma forma de *pathos* se encontra nas representações de nossa fé? Pois não dizemos tampouco que o médico conhece um estado de *pathos*, quando ele cuida de alguém afetado por tal enfermidade; mas mesmo se entra em contato com a doença, o médico permanece isento desta forma de *pathos*.

*O nascimento, a vida, são bens*

3. Se o nascimento em si mesmo não é um *pathos*, ninguém poderá tampouco chamar a vida um *pathos*; mas o *pathos* ligado à vontade que guia a geração humana, e o impulso dos seres humanos em direção ao vício, esses constituem a doença da nossa natureza; Deus, ao contrário, como ensina a fé, está isento de um e de outra. Se, portanto, o nascimento de Cristo foi estranho ao prazer, e sua vida, estranha ao vício, qual forma de *pathos* subsiste ao qual tenha participado Deus, segundo o mistério da fé?

4. Se alguém chamasse *pathos* a separação da alma e do corpo, seria muito mais justo denominar assim o encontro dos dois elementos. Porque, se a separação dos elementos já unidos pertence à ordem do *pathos*, a união entre esses dois elementos, que estavam separados, é igualmente um *pathos*; com efeito, há certa mutação tanto na agregação daquilo que estava separado quanto na dissociação dos elementos que estavam ligados conjuntamente ou associados na unidade.

#### *Da morte à vida*

5. A denominação que se aplica à mudança final é a mesma que convém utilizar também para designar a mudança inicial. Mas se a primeira mudança que chamamos nascimento não é da ordem do *pathos*, a segunda mudança, que chamamos morte e pela qual se dissolve a união do corpo e da alma, não seria tampouco, em boa lógica, ser qualificada de *pathos*.

6. De Deus, pois, afirmamos que ele experimentou as duas formas de mudança de nossa natureza, pela qual a alma se une ao corpo, e o corpo se distingue da alma; e afirmamos que, mesclado com um e outro elemento – digo com a parte sensível e com a parte inteligível do composto humano – e graças a esta inefável e indescritível combinação, Deus cumpriu seu plano: a união dos elementos, isto é, da alma e do corpo, permanece para sempre.

#### *A ressurreição de Cristo*

7. Na realidade, como a nossa natureza, em virtude da constituição que lhe é própria, está sujeita à dissociação do corpo e da alma, mesmo no caso de Cristo, Deus reuniu novamente o que estava separado como uma cola, quero dizer, com sua potência divina, reajustando conjuntamente na unidade indestrutível aquilo que fora dissociado. E isto é a ressurreição, o retorno, isto é, depois da dissociação dos elementos, já estreitamente ligados entre si, a uma união indissolúvel, para que a graça primeira do gênero humano fosse restaurada e que nós possamos voltar novamente à vida eterna, depois que haja desaparecido, graças à nossa dissolução, o mal unido à nossa natureza, como acontece com o líquido que se derrama e desaparece, quando se rompe o vaso que o contém sem que haja alguma coisa que o retenha.<sup>18</sup>

#### *A ressurreição de Cristo, princípio de ressurreição para os homens*

8. Ora, da mesma maneira que a morte iniciou-se em um só homem e se transmitiu, ao mesmo tempo, a toda a natureza humana, assim também a ressurreição se estende, graças a um só, a toda a humanidade. Aquele que novamente uniu ao seu próprio corpo a alma que tinha assumido, mediante o seu próprio poder misturado a uma e ao outro desde a união inicial, juntou de modo mais geral a substância inteligível com a substância sensível, de sorte que o princípio colocado no início prossiga, segundo uma progressão ordenada, seu caminho até o fim.

9. Com efeito, como no homem que ele reassumiu, a alma retornou novamente ao corpo depois da separação da alma com o corpo, é de algum modo a partir deste ponto de partida que a união do separado se estende igualmente por seu poder a toda natureza humana. E tal é o mistério da economia de Deus a propósito da morte e da ressurreição dentre os mortos: Deus não impediu que a morte separe a alma do corpo segundo a ordem inelutável da natureza, mas, pela ressurreição, ele restabeleceu novamente a união entre os dois, de modo que Ele mesmo se tornasse ponto de encontro (*methóron*) entre dois domínios, o da morte e o da vida, provocando nele mesmo o fim da dissolução da natureza pela morte e tornando-se ele mesmo princípio de reunificação dos elementos separados.

## *Caráter velado da conduta de Deus*

**XVII.1.** Mas a objeção que nos foi feita, dirá alguém, não é ainda refutada, e o argumento proposto pelos incrédulos foi ainda mais reforçado pelo que acaba de ser dito. Com efeito, se em Deus reside tanto poder quanto foi demonstrado em nosso discurso, razão pela qual está em suas mãos destruir a morte e fazer entrar na vida, por que não realiza com um só ato de sua vontade o que se propôs, em vez de realizar nossa salvação com um caminho complicado, nascendo sobre a terra e tornando-se adulto e salvando o homem mediante a experiência da morte, quando lhe era possível salvar-nos mesmo sem passar por essas etapas?

**2.** Contra tal objeção, bastaria dizer às pessoas sensatas que não são os doentes que prescrevem aos médicos a forma do tratamento, nem discutem com os seus benfeitores sobre a forma dos cuidados, perguntando por qual razão aquele que os cuida toca a parte enferma e imagina tal remédio para livrá-los do mal, quando necessitava de outro, mas considerando o resultado final, acolhem com reconhecimento o serviço prestado.

**3.** Mas visto que, como diz a profecia,<sup>19</sup> a abundância da bondade de Deus envolve no mistério a sua obra de salvação e não é possível reconhecê-la claramente nesta vida – porque, do contrário, toda objeção dos incrédulos ruiria se o conteúdo da nossa esperança fosse perceptível aos nossos olhos – convém, nas condições presentes, aguardar os séculos futuros, para que se desvele o que somente a fé nos faz ver hoje; será preciso, portanto, recorrer tanto quanto possível ao raciocínio em vista de encontrar a solução das questões levantadas, em conformidade com o que precede.

## *Desaparecimento da idolatria*

**XVIII.1.** E talvez seja supérfluo, se se acredita que Deus veio partilhar nosso modo de vida, pôr em discussão a sua presença, sob o pretexto de que ela não se efetuou segundo certa sabedoria e segundo uma razão superior. Para aqueles que não possuem muita hostilidade contra a verdade, há uma prova não negligenciável desta vinda de Deus, aquela que se manifestou, mesmo antes da vida futura, na vida presente, quero dizer, o testemunho através dos próprios fatos.

**2.** Com efeito, quem não sabe como o engano dos demônios tinha se consumado em toda parte da terra com o domínio deste sobre a vida dos homens mediante o insensato culto dos ídolos? E como para todos os povos do mundo era usual prestar honra aos demônios através dos ídolos com os sacrifícios dos animais e das abominações perpetradas sobre o altar?

**3.** Mas desde que “se manifestou, segundo a palavra do Apóstolo, a graça de Deus, fonte de salvação para todos os homens”,<sup>20</sup> que veio nos visitar revestindo a natureza humana, tudo isso desapareceu à maneira de uma fumaça; cessaram as loucuras dos oráculos e da adivinhação, aboliram-se as procissões anuais e as contaminações com sangue das hecatombes, e na maioria dos povos desapareceram por completo altares, propileus, santuários, simulacros e toda outra prática seguida pelos servidores dos demônios, para engano deles mesmos e de quantos se encontravam com eles, de modo que em muitos lugares nem sequer se lembram já de que alguma vez existissem tais coisas, e em seu lugar por toda a terra se erigiram, no nome de Cristo, templos, altares e o augusto sacerdócio e de puro sangue, assim como a excelsa filosofia (*philosophia*), que se cultivava de maneira justa mais pelos atos do que pelas palavras, e o desprezo da vida corporal e da morte. Deste desprezo deram claro testemunho aqueles que se viram obrigados pelos tiranos a mudar de fé: porque eles aceitaram com indiferença os ultrajes infligidos ao corpo e sua condenação à morte; e certamente não teriam sustentado estas provas se não tivessem tido a prova clara e

indiscutível da vinda de Deus sobre a terra.

### *Destruição do Templo de Jerusalém*

4. Aquilo que agora diremos é também em si mesmo prova suficiente para os judeus da vinda sobre a terra d'Aquele ao qual esses não querem acreditar. Com efeito, até a manifestação divina de Cristo, eles tinham em Jerusalém seus brilhantes palácios, aquele célebre Templo, os sacrifícios celebrados anualmente em conformidade com as prescrições legais; e tudo quanto a Lei determina mediante figuras para os que são capazes de compreender o mistério; até então, nada impedia o culto religioso que lhes tinha sido prescrito desde o início.

5. Mas, quando viram aquilo que era esperado, aquilo sobre o qual eles tinham recebido outrora o ensinamento dos profetas e da lei, e, em vez da fé naquele que se manifestava preferiram aquela prática supersticiosa, repleta de erros, cuja má interpretação os conduzia a observar a letra da Lei, tornando-se assim escravos mais do costume do que do espírito, então não acolheram a graça que se manifestara, e os elementos veneráveis de seu culto religioso permaneceram reduzidos a simples narrações: o templo não é mais reconhecível nem pelos restos, daquela ilustre cidade só permanecem ruínas, e das antigas prescrições dos judeus nada permanece, mas até mesmo o acesso ao lugar santo em Jerusalém lhes é proibido por decreto dos soberanos.<sup>21</sup>

*Por que Deus mesmo interveio para salvar o homem, sem contentar-se em agir com decretos de sua vontade?*

**XIX.** Entretanto, visto que nem os pagãos nem os fautores das doutrinas judaicas julgam que esses fatos constituem provas da presença divina sobre a terra, seria bom que, em relação às objeções que nos foram apresentadas, nossa exposição examinasse detalhadamente por qual razão a natureza divina se uniu à nossa para salvar por si mesma o gênero humano, em vez de realizar seu plano por decreto. Portanto, como se poderia começar para conduzir logicamente o nosso discurso para o objetivo proposto? Como iniciar senão expondo sumariamente as piedosas ideias que se têm de Deus?

### *Os atributos divinos*

**XX.1.** Ora, todos estão de acordo que, na divindade, é necessário reconhecer não somente a potência, mas também a justiça, a bondade, a sabedoria e tudo aquilo que induz a mente em direção ao ser superior. Em consequência, no atual plano salvífico, não é lógico pretender que, nos acontecimentos, se manifeste algum dos atributos de Deus, e, em outros, não. Com efeito, de maneira geral, nenhum desses nomes sublimes corresponde em si mesmo e por si só, independentemente dos outros, à perfeição: a bondade não é verdadeiramente bondade se não está acompanhada da justiça, da sabedoria e da potência, pois o que não é justo ou privado de sabedoria ou de potência não é bom; nem a potência separada da justiça ou da sabedoria pode julgar-se como pertencente à virtude; tal forma de potência é alguma coisa de brutal e tirânico.

2. E assim também os demais atributos: se a sabedoria não estivesse associada à justiça, ou se a justiça não fosse concebida como acompanhando a potência e a bondade, poderia alguém chamar vício com maior propriedade semelhantes atributos, porque, como se poderia contar entre os bens ao que carece do elemento superior?

### *Os eventos do plano salvífico manifestam esses atributos?*

3. E visto que convém não dissociar, em nossas representações de Deus, o conjunto desses atributos, examinemos, portanto, se o plano salvífico a favor do homem carece de alguma das

concepções dignas de Deus. Em Deus buscamos sobretudo os diferentes sinais de sua bondade. E que testemunho poderia ser mais claro de sua bondade senão o fato de que Deus reivindica para si o que havia passado dele mesmo ao inimigo, sem que a natureza, fixa no bem e imutável, fosse afetada pela mutabilidade do querer humano? Porque, como disse Davi, não teria vindo para nos salvar, se a bondade não tivesse sido a inspiradora desse desígnio.<sup>22</sup>

4. Mas a bondade deste plano salvífico teria sido inútil se a sabedoria não tivesse feito entrar em ação o amor pelo homem. É assim que, no caso dos doentes, sem dúvida são muitos os que desejam ver o paciente livre de males, mas unicamente levam a cumprimento a sua boa intenção em favor dos enfermos somente aqueles que possuem a competência na arte da medicina para colaborar na cura do paciente. É, pois, necessário que a sabedoria se una estreitamente à bondade.

5. Como, então, perceber, nos fatos examinados, que a sabedoria está unida à bondade? Não é possível perceber em sua realidade toda nua a bondade do desígnio. Como, portanto, o desígnio se manifestaria se não se revelasse através dos fatos? Mas justamente os fatos realizados, segundo certo encadeamento e uma ordem regular, manifestam a sabedoria e a perícia do desígnio salvífico.

6. E visto que a sabedoria, como se disse precedentemente, é uma perfeição só se estiver associada à justiça, e que, separada, tomada em si isoladamente, nem sequer é um bem em si, seria bom que, ao tratar do plano divino a favor do homem, considerássemos também conjuntamente os dois atributos, digo, a sabedoria e a justiça.

### *A justiça de Deus*

**XXI.1.** Que é, portanto, a justiça? Nós nos recordamos bem do que, no início de nossa exposição, foi estabelecido segundo o encadeamento normal das ideias, a saber: o homem foi criado à imagem da natureza divina e que conserva esta semelhança com a divindade mediante os demais bens e por sua livre vontade, mas é necessariamente uma natureza mutável. Não era possível, de fato, que fosse imutável aquele que devia justamente a uma mudança o princípio da sua existência. Porque a passagem do não-ser ao ser é uma forma de mudança, razão pela qual a não-existência passa à existência em virtude da potência divina; e, de outro lado, a mudança se observa necessariamente no homem, visto que o homem era uma imagem da natureza divina e uma imagem, se não apresentara alguma diferença, se identificaria absolutamente com o sujeito imitado.

### *Diferença entre a imagem e o modelo*

2. Ora, a diferença entre o arquétipo e o que foi criado à imagem consiste nisto: um é imutável por natureza, enquanto o outro não o é, visto que deve a sua existência a uma mudança, como se disse precedentemente, e estando sujeito à mudança não permanece necessariamente no ser.

3. A mudança é um movimento que tende constantemente do estado presente a outro. Há duas formas de um movimento deste gênero: uma, que tende continuamente para o bem e neste caso a progressão não admite parada (*stasin*),<sup>23</sup> uma vez que não se concebe limite algum de caminho percorrido; a outra, que consiste no movimento em direção ao oposto (o mal) e cuja essência é o de não ter existência; com efeito, a distinção entre o bem e seu contrário, como vimos anteriormente, é estabelecida em sentido análogo àquele com o qual dizemos que o que é se opõe ao que não é, e que a existência se opõe à não-existência. Ora, em razão da variabilidade e da mutabilidade das tendências e dos movimentos, a natureza não pode permanecer imutável em si mesma, mas nossa vontade não cessa de tender inteiramente para

um fim, porque o desejo do bem a impele naturalmente a colocar-se em movimento.

### *As formas do bem*

4. Mas o bem se apresenta sob dois aspectos: o bem verdadeiro segundo a natureza, e o outro, diverso deste, mas sob as cores de uma aparência de bem; a instância que decide entre nós é a inteligência que estabeleceu morada em nós. Através dela, ou podemos ter a chance de atingir o verdadeiro bem, ou nos ariscamos a resvalar para o contrário, se nos deixamos desviar dele por qualquer aparência enganosa, como nos conta a fábula pagã<sup>24</sup> o que sucedeu ao cão que, vendo na água a sombra daquilo que mantinha na goela, soltou o alimento verdadeiro, e, querendo agarrar a imagem do alimento que tinha, permaneceu com a sua fome.

5. Portanto, quando a inteligência foi enganada em seu desejo do verdadeiro bem, viu-se desviada em direção ao que não é, persuadida, graças ao conselheiro e inventor do mal, de que é um bem o que é contrário ao bem, pois o engano não teria surtido efeito se a aparência do bem não tivesse recoberto, à maneira de uma isca, o anzol do vício; por isso, o homem encontrou-se por sua vontade nesta condição desastrosa, quando, por causa do prazer, tornou-se escravo do inimigo da vida. Procurai, portanto, comigo, os atributos que concernem aos conceitos que temos de Deus, como a bondade, a sabedoria, a justiça, a potência, a incorruptibilidade e tantos outros que caracterizam a divindade.

6. Assim, pois, porque é bom, se compadece do homem decaído, e porque é sábio, não desconhece o modo de salvá-lo. Próprio da sabedoria seria também o discernimento do que é justo, pois ninguém associaria a verdadeira justiça com a estultícia.

### *O princípio do resgate está em conformidade com a justiça de Deus*

**XXII.1.** Em que consiste, portanto, neste caso, a justiça? No fato de não ter usado nenhum poder tirânico contra aquele que nos dominava e por não ter fornecido, arrancando-nos de tal mestre com a superioridade da sua potência, nenhum pretexto de contestação jurídica àquele que tinha escravizado o homem mediante o prazer. Aqueles, de fato, que venderam a própria liberdade por dinheiro tornam-se escravos dos compradores, porque se constituíram vendedores de si mesmos, e nem a eles nem a nenhum outro lhes é permitido reclamar a liberdade, por mais que sejam de família nobre aqueles que voluntariamente se envolveram em uma situação tão calamitosa.

2. E se alguém, preocupado com a pessoa vendida, se servisse de violência contra o comprador, passaria por injusto, pois arrebataria de forma tirânica quem tinha sido comprado em conformidade com a lei. Mas, se se desejasse resgatá-la,<sup>25</sup> nenhuma lei o impediria. Pois, assim também, visto que nós mesmos nos havíamos vendido voluntariamente, era necessário que aquele que, por bondade, desejava nos reconduzir à liberdade, concebesse um modo de ação, não tirânico, mas conforme à justiça para realizar esse resgate. E um procedimento deste tipo consiste justamente em conceder ao possuidor o que ele reclama como preço para o resgate daquele que retinha.

### *Qual é o resgate a ser pago? O direito do possuidor de fixar o resgate*

**XXIII.1.** E qual era o resgate mais conveniente preferido do possuidor? Segundo a lógica do nosso raciocínio, é possível chegar a conjecturar o seu desejo, se verdadeiramente os fatos estabelecidos como evidentes podem servir de provas para o que buscamos. Aquele que, segundo o ensinamento exposto no início do tratado, tinha fechado os olhos ao bem por inveja da felicidade do homem e engendrou em si mesmo a obscuridade da maldade, e estava doente de ambição, princípio e fundamento da perversão e, de certo modo, mãe de toda

maldade, por qual preço teria trocado o homem em seu poder, se não manifestamente por um objeto de troca mais alto e maior, de modo que pudesse melhor satisfazer o *pathos* de seu orgulho recebendo muito mais de quanto ele concedia?

### *As maravilhas de Deus na História da Salvação*

**2.** Mas em nenhuma das histórias dos tempos passados ele nada constatava de semelhante ao que estava vendo então manifestar-se: uma concepção sem união sexual, um nascimento isento de corrupção, aleitamento da parte de uma virgem, vozes provenientes do mundo invisível atestando do alto o caráter maravilhoso de sua dignidade, a cura de doenças naturais sem fadiga e sem remédios, operada por ele [Cristo] com uma só palavra e com o simples movimento de sua vontade, a restituição dos mortos à vida, o temor dos demônios, o poder sobre os fenômenos atmosféricos, e a marcha através do mar; não porque o mar se abrisse colocando enxuto o fundo a favor dos que passavam como no milagre de Moisés, mas porque a superfície da água tornava-se firme sob os pés e sustentava a pisada com segura resistência: e também sua abstenção de alimento tanto tempo quanto desejasse, e os copiosos banquetes ofertados no deserto a muitos milhares de convidados, para os quais nem o céu fazia descer o maná nem a terra satisfazia as necessidades com seus próprios produtos naturais, mas que a generosidade da divina potência intervinha com os seus inefáveis tesouros: o pão já pronto, como produto da terra, nas mãos dos ministros e multiplicado para saciar os convivas, e a delicada provisão dos peixes, não fornecidos a eles pelo mar para as suas necessidades, mas graças àquele que tinha semeado no mar todas as espécies de peixes.

**3.** E como se poderiam narrar um por um os milagres do Evangelho? Ao considerar poder tão grande, o inimigo compreendeu que naquela troca o que lhe era proposto era maior de quanto estava em sua posse. E por essa razão, ele escolheu Cristo como resgate daqueles que estavam encerrados nas prisões da morte. Mas não lhe era possível contemplar diretamente a imagem de Deus,<sup>26</sup> sem que visse n'Ele alguma parte da carne que já tinha subjugada mediante o pecado. Por essa razão, a divindade se revestiu da carne, para que o inimigo, à vista do que lhe era habitual e familiar, não se espantasse ante o aproximar-se da potência superior, e para que, ao considerar como esta potência ia paulatinamente aumentando em esplendor graças aos milagres, julgasse que esta visão era mais desejável do que temível.

### *Bondade e justiça*

**4.** Estais vendo como a bondade foi unida estreitamente à justiça e como a sabedoria não foi separada delas. A divina potência cogitou em tornar-se acessível revestindo-se do corpo, para que o plano da nossa salvação não fosse impedido pelo medo da manifestação divina; isto demonstra a união dos três atributos: a bondade, a sabedoria, a justiça. A decisão de salvar-nos testemunha a sua bondade; o ter dado um caráter contratual para o resgate do homem mantido em escravidão demonstra a justiça [de Deus]. O fato de que tenha intencionalmente tornado acessível ao inimigo o que é inacessível é uma prova de sua sabedoria suprema.

### *Potência manifestada pela Encarnação*

**XXIV.1.** Mas é natural que quem esteja atento ao encadeamento lógico do que foi dito procure onde se descobre a potência da divindade nos fatos mencionados, e onde a incorruptibilidade da potência divina. Portanto, para que também esses aspectos se apresentem com plena clareza, examinemos com cuidado os eventos do mistério que prosseguem e nos quais se revela com mais força a mistura da potência com o amor pela humanidade.

### *A descida de Deus*

**2.** Assim, pois, em primeiro lugar, o fato de que a natureza onipotente tenha sido capaz de abaixar-se até a humilde condição humana demonstra a potência muito mais do que o caráter grandioso e sobrenatural dos milagres. Com efeito, que da parte da potência divina se realize uma ação grande e sublime é consequência lógica de sua natureza. E ninguém se daria a estranheza ouvindo dizer que toda a criação compreendida no universo e tudo quanto se concebe como existente fora do mundo visível se constituiu por obra da potência de Deus, pois sua vontade se converteu em substância segundo o seu desígnio. Mas o abaixamento de Deus até a debilidade do homem constitui uma superabundância da sua potência, que não encontra nenhum impedimento nas condições contrárias à sua natureza.<sup>27</sup>

#### *A potência divina manifestada na debilidade da carne*

**3.** Como é próprio da natureza do fogo o movimento para o alto, e ninguém se admiraria por aquilo que é natural à chama, e, no entanto, se alguém visse a chama tender para baixo, como fazem os corpos pesados, consideraria tal fenômeno surpreendente e se perguntaria como o fogo, sem deixar de ser fogo, derogue à sua natureza pelo modo deste movimento tendendo para baixo; assim também sucede com a divina e suprema potência: nem a grandeza dos céus, nem o esplendor dos astros, nem a ordem do universo, nem a contínua providência sobre os seres podem revelá-la com tanta força como sua “descida” até a fragilidade da nossa natureza, pois mostra como a grandeza, tornada presente na franqueza, deixa-se contemplar na fraqueza sem perder em nada de sua sublimidade, e como a divindade, unindo-se estreitamente à natureza humana, torna-se esta sem deixar de ser aquela.

#### *O inimigo enganado*

**4.** Ora, como se disse anteriormente, a potência adversa não era por natureza capaz de entrar em contato com a pura presença de Deus, nem de suportar sua aparição sem véu; por essa razão, a fim de oferecer uma presa fácil àquele que procurava seu proveito no resgate que ele reclamava em troca de nós, a divindade se ocultou sob o invólucro de nossa natureza, para que, como no caso de certos peixes comilões, o anzol da divindade fosse tragado juntamente com a carne que servia de isca, e assim, com a vida instalada na morte e a luz brilhando nas trevas, desaparecesse o que concebemos como contrário à luz e à vida. É naturalmente impossível às trevas permanecer quando estiver presente a luz, e à morte, subsistir quando a vida está em atividade.

#### *Deus se revela na História da Salvação*

**5.** Retomando, portanto, sumariamente a sequência lógica do mistério, completemos a defesa contra os que acusam o plano divino pela razão de que a divindade realiza por si mesma a salvação dos homens. É necessário que à divindade sejam conservados em tudo os atributos que lhe competem, e não é preciso afirmar, de um lado, um conceito elevado sobre ela e excluir, de outro lado, algo da dignidade própria de Deus; mas toda concepção elevada e conforme a piedade sobre Deus deve ser admitida sem exceção pela fé, e essas concepções devem estar concatenadas uma à outra em sequência lógica.

**6.** Ora, estão demonstradas que a bondade, a sabedoria, a justiça, a potência, a incorruptibilidade se manifestam na doutrina concernente ao desígnio de salvação a nosso favor. A bondade se reconhece na vontade de salvar o homem perdido; a sabedoria e a justiça se manifestaram no modo de salvar-nos; a potência se revela no fato de que ele [Cristo] tornou-se semelhante ao homem e tomou a forma que corresponde à fraqueza da nossa natureza, e no fato de ter feito acreditar que ele, à semelhança dos homens, podia estar sujeito à morte e, enfim, o fato de que, uma vez tornado homem, realizou o que lhe era próprio e em

conformidade com sua natureza.

7. Mas é próprio da luz dissipar as trevas, e próprio da vida destruir a morte. E visto que, deixando-nos desviar do caminho reto, desde o início fomos afastados da vida e lançados na morte, que coisa há de inverossímil no ensinamento da nossa fé quando nos diz que a pureza reveste aqueles que se macularam com o pecado, a vida àqueles que estavam mortos, e que os extraviados encontram um guia, para que desapareça a imundície, o erro seja reparado, e aquele que estava morto retorne à vida?

### *Deus em suas obras*

**XXV.1.** Que a divindade assuma a nossa natureza não deveria causar a menor estranheza em oposição ao bom senso para aqueles que consideram a realidade sem excessiva mesquinhez mental. Com efeito, quem será tão pusilânime para não acreditar, considerando o universo, que a divindade está em tudo, que o envolve e abarca tudo e reside em tudo?<sup>28</sup> Porque tudo quanto existe depende daquele que é,<sup>29</sup> e nada pode existir se não tem o ser naquele que é. Se, portanto, tudo está n'Ele e Ele está em tudo, por que envergonhar-se do plano salvífico do mistério, que nos ensina que Deus nasceu em um homem, o mesmo Deus que hoje seguimos crendo que está dentro do homem?

2. Com efeito, mesmo se a forma da presença atual de Deus em nós não é a mesma que a de outrora [isto é, na Encarnação], se reconhece, todavia, que em ambos os casos Deus está igualmente presente em nós. Agora, pois, está mesclado conosco enquanto mantém nossa natureza na existência; outrora se mesclou ao nosso ser para que este fosse divinizado mediante esta mistura com o divino, após ter sido arrancado à morte e libertado da tirania do inimigo; pois a sua ressurreição da morte torna-se para a raça mortal o princípio do retorno à vida imortal.

### *O enganador foi enganado*

**XXVI.1** Mas talvez alguém, ao examinar a justiça e a sabedoria que contemplamos neste plano salvífico, seja induzido a pensar que tal projeto concebido por Deus seja uma espécie de engano: com efeito, o fato de que Deus, sem revelar plenamente sua divindade, mas ocultando-se sob o invólucro da natureza humana, sem ser reconhecido pelo inimigo, tenha-se colocado nas mãos do despótico mestre [o demônio], constitui de certo modo um engano e uma fraude, porque é próprio dos enganadores desviar as esperanças de suas vítimas para outro objetivo e fazer outra coisa diversa daquilo que era aguardado. Mas quem considera atentamente a verdade reconhecerá nisto o sinal máximo da justiça e da sabedoria.

2. É próprio de um ser justo dar a cada um segundo seu mérito, e de um ser sábio, não desviar a justiça nem separar das decisões da justiça o desígnio de bondade pelos homens, mas harmonizar ambas habilmente entre si, devolvendo à justiça o que se dá segundo o mérito, e não se afastando, segundo a bondade, do propósito do amor pelo homem. Examinemos, pois, se esses dois aspectos não se observam nos fatos sucedidos.

### *O demônio recebe o que merece*

3. A retribuição segundo os méritos, em função da qual o enganador é enganado, mostra, por sua vez, a justiça, e o objetivo visado de tudo quanto aconteceu constitui um testemunho da bondade do autor. Com efeito, próprio da justiça é atribuir a cada um aquilo que resulta dos princípios e das causas que cada qual já pôs, como a terra devolve seus frutos segundo as espécies das sementes plantadas.<sup>30</sup> É o próprio da sabedoria não afastar-se daquilo que é o resultado melhor no modo de realizar aquela retribuição.

4. Tanto quem arquiteta insídias como o médico que intervém na vítima misturam medicamento

com o alimento; mas um aí introduz veneno, e outro, o remédio contra o veneno, e o modo do tratamento em nada altera o propósito de fazer o bem, porque, se por parte de ambos se efetua a mistura do medicamento no alimento, todavia, observando a intenção deles, louvamos um e execramos o outro. Pois o mesmo ocorre aqui. Em conformidade com a justiça, o enganador recebe em troca aquilo que semeou por sua própria vontade; porque ele que, outrora, tinha enganado o homem com a isca do prazer,<sup>31</sup> é, por sua vez, enganado pela figura do homem que se lhe apresenta. Mas a intenção dos fatos comporta uma mudança para melhor.

### *Cura da humanidade*

5. Com efeito, um tinha realizado o seu engano para corromper a natureza; o outro, ao contrário, ao mesmo tempo justo, bom e sábio, se serviu da invenção do engano para salvar aquele que fora corrompido, beneficiando com isto não somente a criatura perdida, mas também aquele que causara nossa ruína. Da aproximação da morte à vida, das trevas à luz, da corrupção à incorruptibilidade, provém o desaparecimento e o aniquilamento do que é mal, bem como o proveito daquele que é purificado desses males.

### *O crisol do ouro*

6. Quando o ouro se mistura a uma matéria menos valiosa, os ourives eliminam com a ação do fogo o elemento estranho e sem valor, devolvendo à matéria mais nobre seu esplendor natural. Todavia, esta separação não sucede sem labor, pois o fogo, com sua força de consumação, necessita de tempo para fazer desaparecer o elemento impuro; aliás, é uma espécie de tratamento aplicado ao ouro, o fato de fundir o elemento que está contido no outro e que altera sua beleza.

7. Pois da mesma maneira, visto que a morte, a corrupção, as trevas e tudo o que é engendrado pelo mal estão estreitamente unidos ao inventor do mal, a aproximação da potência divina provoca, como o fogo, a destruição do elemento contrário à natureza e, graças a esta purificação, mostra-se salutar para a natureza, por mais penosa que seja a separação. Por conseguinte, tampouco o adversário poderia duvidar de que se trate de um processo justo e salvífico, se chegasse a compreender o benefício que disto resulta.

### *O enfermo e o médico*

8. Ora, precisamente, como aqueles que suportam a terapia à base de cortes e de cauterizações se irritam contra os médicos em razão da dor aguda provocada pelo corte, mas, quando, graças a esses meios, recuperam a saúde e desaparece a dor da cauterização, então terão gratidão por quem os curou; da mesma maneira, uma vez que, após o longo transcorrer dos tempos, a natureza foi libertada do mal (do mesmo modo que agora está mesclado e cresceu com ela), quando se cumprir o retorno à condição originária daqueles que agora estão sujeitos ao mal, se erguerá uma sinfonia de ação de graças de toda a criação, seja daqueles que foram castigados com esta purificação, seja da parte de quem não tiver necessidade de purificação.

9. Esses ensinamentos e outros do mesmo gênero nos transmitem o grande mistério da Encarnação divina. Graças à sua mescla com a humanidade, assumindo todas as particularidades próprias da natureza humana, o nascimento, a educação e o crescimento, e atravessando inclusive a prova da morte, Deus cumpriu tudo o que foi dito anteriormente, libertando o homem da maldade e curando o próprio autor da maldade. Com efeito, curar uma enfermidade é fazer desaparecer a doença, ainda que à custa de sofrimento.

### *Lógica da Encarnação*

**XXVII.1** Era absolutamente lógico que quem se misturara com a nossa natureza aceitasse assumir todas as propriedades para realizar em si a união conosco. Como ocorre com aqueles que lavam a sujeira das vestes, que não deixam subsistir uma parte da sujeira eliminando o resto das manchas, mas que limpam as manchas completamente de todo o tecido, de modo que a veste seja igualmente bela em todas as partes e brilhante depois de ter sido lavada, assim também, como a vida humana tinha sido manchada pelo pecado no princípio, no fim e em todo o seu período intermediário, era preciso que a potência purificadora estivesse presente em todas as partes para evitar que purificasse uma das partes e negligenciasse a purificação da outra.

**2.** Por essa razão, como nossa vida se situa entre dois limites, quero dizer, entre o início (*archēn*) e o fim (*télos*), a força corretiva da natureza se encontra em cada uma das extremidades: entrou em contato com o início, se estende até o fim e ocupa todo o período intermediário.

**3.** Ora, como para todos os homens só há um modo para entrar na vida, de onde devia, portanto, chegar aquele que vinha visitar-nos para estabelecer morada em nossa vida? Do céu, dirá talvez aquele que rejeita como vergonhosa e vil a forma do nascimento humano. Mas a humanidade não estava no céu, nem nenhuma enfermidade da maldade reinava na vida sobrenatural. Ora, aquele que se misturara ao homem contraiu esta união estreita com a intenção de ser proveitosa. Onde, portanto, não havia o mal, nem a vida humana organizada, como pode alguém procurar o homem que tenha descido para entrar em contato estreito com Deus, ou melhor, não um homem, mas uma imagem do homem, ou simulacro de homem? E qual teria sido a reabilitação da nossa natureza se, encontrando-se doente a criatura terrestre, um ser divino escolhido entre os celestes tivesse contraído a união com Deus? Não é possível que o enfermo se cure, se não é a parte doente que recebe particularmente a cura.

#### *Deus no coração do mal*

**4.** Portanto, se a parte enferma estava sobre a terra, e se, por outro lado, a potência divina, em consideração de sua própria dignidade, não se unira a esta parte enferma, inútil teria sido para o homem a solicitude da potência divina, por algo que nada tem em comum conosco. Pois a inconveniência teria sido a mesma para a divindade, se é que seja de todo lícito pensar em alguma coisa de indigno que não seja a maldade. Entretanto, para uma alma mesquinha que julga que a majestade divina consiste em não admitir a participação nas particularidades de nossa natureza, a indignidade em nada é diminuída pelo fato de que a divindade tenha revestido a forma de um corpo celeste ou a de um corpo terrestre. Com efeito, toda a criação está distante, em um estado de igual inferioridade, d'Aquele que é altíssimo e inacessível pela sublimidade da sua natureza, e todo o universo se situa em igual condição abaixo dele. Porque o que é absolutamente inacessível não é acessível a um e inacessível a um outro, mas transcende igualmente todos os seres.

#### *Terra e céu*

**5.** Por conseguinte, nem a terra está mais distante daquela majestade divina, nem o céu dela está mais próximo, nem os seres existentes em cada um desses dois mundos planetários diferem entre si acerca deste ponto, de modo que uns alcancem a natureza inacessível e outros sejam separados dela, porque, do contrário, teríamos de supor ao menos que a potência soberana se estende por igual através de todas as coisas, mas que é superabundante em umas e insuficientes em outras, e por esta diferença de menor e maior, e de mais e de menos, logicamente apareceria como composta, em contradição consigo mesma, se precisamente a supuséssemos distante de nós pela lei da natureza, porém mais próxima de

qualquer outra criatura, tornando-se assim facilmente apreensível em consequência desta proximidade.

**6.** Mas, quando se trata da majestade suprema, a verdadeira doutrina não considera o alto e o baixo para compará-los. Com efeito, todas as coisas estão, por igual, submetidas à potência que rege o universo, de modo que, se se presume que a natureza terrestre é indigna da união com a divindade, tampouco se achará alguma outra que dela seja digna. E se tudo permanece igualmente distante desta majestade, uma coisa há, no entanto, digna de Deus: fazer o bem a quem dele precisa. Portanto, se reconhecemos que potência que cura desceu aí onde precisamente está a enfermidade, que há em nossa fé que seja estranho ao justo conceito de Deus?

## **OBJEÇÕES DOS ADVERSÁRIOS**

*Como Deus pode aceitar submeter-se ao nascimento humano?*

**XXVIII.1.** Mas os adversários ridicularizam nossa natureza e zombam continuamente do modo como se nasce, e com isso eles acreditam ridicularizar o mistério de nossa fé, como se fosse indigno de Deus entrar por esta porta em comunhão com a vida humana. Mas acerca disso, já se disse anteriormente que a única coisa inconveniente para a sua natureza é o mal e tudo o que está aparentado com a maldade. Ora, a ordem da natureza, estabelecida pela vontade e pela lei divina, está isenta da acusação de maldade; do contrário, a acusação contra a natureza se viraria contra o Criador, se a acusação de vergonhoso e indigno recaísse sobre algo da natureza.

**2.** Se, portanto, a divindade está separada somente da maldade, e a natureza, por sua vez, não é má, e o mistério nos diz que Deus se encarnou no homem e não na maldade; e se, além disso, a entrada do homem na vida é única, e só através dela é introduzido na vida o ser engendrado, que outro modo de entrar na vida decretam para Deus aqueles que, de um lado, julgam razoável que a natureza debilitada na maldade tenha sido visitada pela potência divina, mas, de outro lado, desdenham o modo desta visita, ignorando que toda a estrutura do corpo tem em si mesma idêntica dignidade, e que nada nela do que contribui para a organização da vida merece a acusação de ser indigno ou mau?

**3.** A estrutura do corpo com seus diferentes órgãos foi estabelecida inteiramente em vista de um único fim, e este fim é o de conservar na existência o gênero humano. Enquanto todos os outros órgãos sustentam a vida presente, cada qual com própria atividade, e regulam assim a faculdade perceptiva e operativa, os órgãos da geração, ao contrário, têm a tarefa de prover o futuro, introduzindo na natureza a contínua sucessão.

**4.** Se, portanto, se adota o ponto de vista da utilidade, de qual, entre os órgãos que consideramos honrosos, estes poderiam ser inferiores? De qual deles não julgaremos razoavelmente menos importante? Porque nem o olho, nem o ouvido, nem a língua, nem qualquer outro dos órgãos dos sentidos mantém a nossa espécie na continuidade, pois esses, como se disse, são de utilidade presente, ao passo que, com aqueles, ao contrário, é conservada a imortalidade para a humanidade, tanto que a ação da morte contra nós é de certo modo impotente e ineficaz; porque a própria natureza se introduz sem interrupção para encher o vazio mediante a sucessão dos novos nascimentos. Que coisa há de indigno, portanto, em nossa fé, se Deus se misturou à vida humana pelos mesmos caminhos que a natureza utiliza para lutar contra a morte?

*Por que o Salvador tardou tanto em vir?*

**XXIX.1.** Mas, passando desta a outras questões, os adversários procuram ainda desacreditar a

nossa doutrina: se verdadeiramente, dizem, o que aconteceu é bom e digno de Deus, por que diferiu sua ação benéfica a nosso favor? Por que, enquanto a maldade estava em seus inícios, não cortou pela raiz seus ulteriores progressos?

2. A esta objeção respondemos concisamente: a ação benéfica a nosso favor foi diferida pela sabedoria e pela providência daquele que é benéfico por natureza. Nas doenças do corpo, quando um humor letal se infiltra nas vias internas, antes que o elemento intruso contrário à natureza se manifeste na superfície, aqueles que são competentes na técnica de tratar as doenças não entopem o corpo com preparados adstringentes, mas aguardam que todo o mal oculto no interior venha para fora, e então aplicam a terapia diretamente sobre o mal. Assim, depois que a enfermidade da maldade se abateu de uma vez por todas sobre a natureza humana, o médico do universo esperou até que nenhuma forma do vício permanecesse oculta dentro da própria natureza.

3. É por isso que ele aplica ao homem a cura imediatamente depois da inveja e do fratricídio de Caim,<sup>32</sup> pois não se manifestara em plena luz a perversidade daqueles que pereceram nos tempos de Noé, nem se tinha manifestado o mal gravíssimo da infâmia de Sodoma,<sup>33</sup> nem a luta dos egípcios contra Deus,<sup>34</sup> nem a soberba dos assírios,<sup>35</sup> nem a cruenta perseguição dos judeus contra os santos de Deus,<sup>36</sup> nem a matança criminosa das crianças perpetrada por Herodes,<sup>37</sup> nem todas as outras maldades das quais se faz memória, nem de quantas foram perpetradas na sucessão das gerações sem serem registradas pela história, pois a raiz do mal germinava de múltiplas formas nas livres decisões dos homens.

4. Assim, pois, quando a maldade alcançou seu cume e já nenhuma forma de maldade faltava à experiência humana, então Deus interveio para curar o mal não em seu início, mas em sua plena maturidade, com o fim determinado de que a cura se aplicasse a toda enfermidade humana.

### *Persistência do pecado*

**XXX.1.** Mas se alguém pensa em refutar a nossa doutrina argumentando que, inclusive depois de ser aplicada a cura, a vida humana continua a ser marcada pelos pecados, que se deixa guiar para a verdade por algum dos exemplos mais conhecidos. Como em uma serpente, quando recebe o golpe mortal sobre a cabeça, não morre de modo imediato junto com a cabeça a contração sinuosa que está atrás, mas, enquanto a cabeça está morta, a cauda, porém, continua animada pelo seu próprio princípio vital e conserva o movimento da vida, assim também para o mal: embora ferido com um golpe mortal, podemos vê-lo ainda perturbando com seus resíduos a vida humana.

### *Salvação parcial dos homens*

2. Mas, deixando de lado suas objeções movidas contra este ponto acerca do ensinamento da nossa fé, os adversários o acusam de que a fé não tenha chegado em sua propagação a todos os homens. Por que razão – dizem – a graça [do Evangelho] não chegou a todos os homens, mas que, junto a certo número de homens que abraçaram a doutrina, há uma parte nada pequena que dela está excluída? Deus talvez não quisesse distribuir a todos o benefício generosamente ou não teve de fato o poder para isso? Mas nenhum dos casos está livre de repreensão, pois não convém a Deus o não querer o bem, nem ser incapaz de realizá-lo. Se, portanto, a fé é um bem, por que – dizem – a graça não chegou a todos?

3. Na realidade, se nós também afirmássemos que, segundo a nossa doutrina, a fé é distribuída por sorteio aos homens pela vontade de Deus, de modo que alguns seriam chamados, enquanto outros não teriam parte na chamada, seria justo proferir uma acusação

do gênero contra a religião; mas, se o chamado se dirige por igual a todos sem distinção de classe, de idade ou de raça (porque já desde o início da pregação os ministros do Evangelho falaram com a língua de todos os povos por inspiração divina, para que ninguém permanecesse excluído dos benefícios deste ensinamento), como, pois, poderia alguém com razão acusar ainda a Deus de que sua doutrina não atingiu a todos?

4. Com efeito, aquele que exerce seu livre domínio sobre todas as coisas permitiu também, por um excesso de seu apreço pelo homem, que dispuséssemos de um domínio, do qual cada um seria o único mestre. Trata-se da vontade livre, faculdade isenta de escravidão e dotada de autonomia, que tem seu fundamento na independência da razão. Por conseguinte, seria mais justo que tal acusação se dirigisse àqueles que não se deixaram conquistar pela fé, e não que recaia sobre aquele que chamou os homens para dar o assentimento.

5. De fato, quando nos inícios Pedro proclamou a doutrina diante de uma assembleia considerável de judeus, e justamente naquela ocasião acolheram a fé umas três mil pessoas, aqueles que não se deixaram persuadir, embora mais numerosos que os que haviam acreditado, não repreenderam o apóstolo pelo fato de não tê-los convencido a crer. Não teria sido razoável que, enquanto a graça do Evangelho era proposta a todos, aquele que deliberadamente a repudiava acusasse de seu infortúnio um outro e não a si mesmo.

#### *A fé deve ser livre*

**XXXI.1.** Mas, mesmo diante de tais argumentos, os adversários não deixam de replicar com objeções capciosas. De fato, dizem que Deus, se verdadeiramente o quisesse, podia induzir à força os recalcitrantes a aceitar a mensagem proclamada. Mas onde estaria neste caso a liberdade de escolha? Onde estaria a virtude? Onde estaria a glória daqueles que vivem com retidão? Porque é próprio dos seres inanimados ou dos irracionais serem arrastados pelo capricho de uma vontade estranha. A natureza racional e pensante, ao contrário, se renuncia ao exercício da liberdade, perde instantaneamente o dom da inteligência. Com efeito, de que lhe serviria a razão, se a faculdade de escolher segundo o próprio juízo depende de um outro?

2. Ora, se a vontade livre permanece inativa, a virtude desaparece necessariamente, impedida pela inércia da vontade. E se não há virtude, a vida perde seu valor, se elimina o elogio dos que vivem com retidão, peca-se impunemente e é impossível distinguir toda diferença entre as maneiras de viver. Quem poderia ainda reprovar razoavelmente o homem dissoluto ou louvar o virtuoso? A resposta que cada um tem em mãos é esta: nenhuma decisão depende de nós, mas que um poder superior conduz as vontades humanas a agir segundo o capricho do mestre. Portanto, não é culpa da vontade divina o fato de que a fé não tenha se enraizado no coração de todos os homens, mas da disposição daqueles que recebem a mensagem evangélica.

#### *Necessidade da morte de Cristo*

**XXXII.38**<sup>1</sup> Qual outra crítica, além dessas, acrescentam ainda os adversários? Antes de tudo, que a natureza soberana não devia chegar de modo algum à experiência da morte, mas que teria podido, sem esta prova, realizar facilmente o seu plano com a superabundância de seu poder. Mas inclusive se isto [a encarnação] devia realizar-se necessariamente por alguma razão secreta, Deus, porém, não devia também sujeitar-se à injúria de uma morte infame. Pois – acrescentam – qual morte podia ser mais infame do que a morte de cruz?

2. O que responderemos a essas objeções? Que o nascimento torna inevitável a morte. Aquele que uma vez por todas tinha decidido fazer parte da humanidade devia necessariamente passar através dos momentos próprios da nossa natureza. Portanto, uma vez

que a vida humana está encerrada entre dois limites, se, depois de ter transposto o primeiro (o nascimento), não tivesse atingido o segundo (a morte), o seu desígnio teria permanecido incompleto por não ter assumido um dos dois estados que caracterizam a nossa natureza.

**3.** Conhecendo com exatidão o mistério, alguém poderia talvez dizer mais justamente que a morte não ocorreu por causa do nascimento, mas, antes, o contrário, que por causa da morte Deus assumiu o nascimento; não pela necessidade de viver se submeteu ao nascimento corporal aquele que é Eterno, mas pela vontade de reconduzir-nos da morte à vida. Portanto, uma vez que era necessário reconduzir da morte à vida nossa natureza toda inteira, Deus, tendo se inclinado sobre o nosso cadáver para estender, por assim dizer, sua mão sobre o ser que jazia, aproximou-se tanto da morte que entrou em contato com o estado cadavérico, e com seu próprio corpo deu à natureza o princípio da ressurreição, pois com seu poder ressuscitou conjuntamente todo o homem.

**4.** Com efeito, como o homem no qual Deus se encarnara,<sup>39</sup> e que, mediante a ressurreição, fora elevado junto com divindade, não viera de outro lugar senão da massa que é a nossa, da mesma maneira que para o nosso corpo a atividade de um só dos órgãos dos sentidos provoca uma sensação comum ao conjunto do organismo que está unido a este órgão, assim, constituindo toda a natureza como um só ser vivo, a ressurreição de um membro se estende a todo o conjunto, e da parte se comunica ao todo em razão da continuidade e unidade da natureza. O que há, portanto, de estranho em nossa doutrina acerca do mistério [da encarnação], quando aprendemos que aquele que está de pé se inclina sobre aquele que caiu para levantá-lo de sua queda?

#### *O mistério da cruz*

Se, pois, a cruz encerra alguma outra doutrina mais profunda, talvez o saibam os versados nas coisas ocultas. Em todo caso, isto é o que nos chegou da tradição.

**5.** No Evangelho, tudo foi dito e se realizou segundo um sentido mais elevado e mais divino, e nada há aí que não se manifeste absolutamente como uma mescla do divino com o humano, porque a voz e os fatos se realizam de maneira humana, enquanto o sentido oculto manifesta a presença do divino: por isso, seria lógico, também nesta parte, não considerar um e deixar de lado o outro, mas ver na morte o lado humano e procurar cuidadosamente, na maneira de morrer, o elemento divino.

#### *Dimensão cósmica da cruz*<sup>40</sup>

**6.** Com efeito, é próprio da divindade penetrar todas as coisas e estender-se em todas as partes da natureza dos seres vivos; porque nada poderia subsistir no ser se não permanece naquele que é; e, de outro lado, a natureza divina existe no sentido próprio e primeiro, e a subsistência dos seres exige categoricamente que se acredite em sua presença em todos os seres. Tudo isso o aprendemos por meio da cruz, cuja figura se distribui em quatro partes, de sorte que, partindo do centro, para o qual tudo converge, se contam quatro prolongamentos; aprendemos o seguinte: aquele que sobre ela foi estendido no momento oportuno segundo o plano de salvação através da morte é o mesmo que estreita e ajunta a si mesmo o universo reunindo mediante a sua pessoa as diversas naturezas dos seres em um só acordo (*sympnoia*)<sup>41</sup> e uma só harmonia.

**7.** Entre os seres do mundo há pensamentos em alguma coisa de existente ou no alto ou embaixo, ou ainda a mente se adentra nos limites transversais. Se, portanto, tu consideras a composição dos seres celestes ou daqueles subterrâneos ou daqueles existentes nos dois confins do universo, por todas as partes a divindade se apresenta ao teu pensamento, porque

é a única que se encontra em cada parte dos seres, e a única que mantém tudo no ser.

**8.** Se devemos chamar esta natureza de divindade ou razão, ou potência, ou sabedoria, ou qualquer outro nome sublime e capaz de melhor mostrar o ser supremo, nossa doutrina não discute sobre uma voz, um nome ou uma forma de linguagem. Portanto, uma vez que toda a criação é orientada para Ele e está ao redor d'Ele, e por meio d'Ele mantém sua coesão, pois graças a Ele as coisas do alto estão estreitamente unidas àquelas de baixo e as dos lados entre si, não somente deveremos ser induzidos ao conhecimento de Deus mediante o ouvir, mas também a vista deveria ensinar-nos as concepções mais elevadas. Daqui é donde parte o grande Paulo quando inicia aos mistérios o povo de Éfeso, infundindo naqueles fiéis com o seu ensino a capacidade de conhecer qual é a largura, o comprimento, a altura, a profundidade.<sup>42</sup>

**9.** Com efeito, a cada prolongamento da cruz, ele designa com seu nome especial: com altura, a parte superior; com profundidade, a parte inferior; com largura e comprimento, os prolongamentos colaterais. E em outro lugar torna este pensamento, na minha opinião, mais claro dizendo aos Filipenses: “No nome de Jesus Cristo se dobre todo joelho, nos céus, na terra e sob a terra”.<sup>43</sup> Aqui ele engloba em uma só denominação toda a parte transversal designando pela expressão “na terra” todo o intervalo que separa aqueles que estão nos céus e aqueles que estão sob a terra.

**10.** Este é o mistério que aprendemos acerca do mistério da cruz. Os acontecimentos que se produzem a partir daqui possuem na narração uma sequência lógica tal, que até os próprios incrédulos confessam que nada aí é alheio ao conceito que devemos ter de Deus. O fato de que ele [o Senhor] não tenha permanecido na morte e que as feridas causadas pela lança no corpo<sup>44</sup> não tenham impedido a sua existência e que ele tenha aparecido livremente aos seus discípulos depois da ressurreição, quando desejava estar ao lado deles permanecendo invisível e encontrar-se no meio deles sem ter necessidade alguma de entrar pelas portas,<sup>45</sup> o fato de que tenha fortificado os discípulos insuflando-lhes o Espírito,<sup>46</sup> e de ter prometido estar com eles e que nada o teria separado deles,<sup>47</sup> o fato ainda de que se elevara ao céu em aparência, mas com o pensamento estava presente em todas as partes,<sup>48</sup> e todos os aspectos de tal gênero que contêm a narração histórica é algo que não necessita da ajuda dos raciocínios para mostrar seu caráter divino e a presença neles da potência sublime e soberana.

**11.** Não creio que seja necessário considerar exaustivamente cada um desses fatos, pois o relato evangélico evidencia por si seu caráter sobrenatural.

## **A VIDA SACRAMENTAL**

Mas visto que também a economia da salvação relativa ao banho de purificação faz parte dos ensinamentos revelados – quer se queira chamar este rito batismo ou iluminação, ou regeneração –, será bom que também sobre isso expliquemos algo brevemente.<sup>49</sup>

### **O Batismo**

#### *A água do novo nascimento*

**XXXIII. 1.** Com efeito, os adversários ouvem dizer de nossa parte um raciocínio tal como este: “Na passagem do ser mortal à vida (*zōēn*), visto que o primeiro nascimento (*genéseōs*) encaminhava para uma vida (*bíon*) mortal, era lógico que se inventasse outro nascimento, que não começasse pela corrupção e que não terminasse na corrupção, mas que conduzisse o ser nascido a uma vida (*zōēn*) imortal, a fim de que, como o nascido de nascimento moral necessariamente é mortal, assim também o nascido de nascimento que não admite corrupção

fosse superior à corrupção da morte”.<sup>50</sup> Quando, portanto, eles ouvem esses e outros discursos semelhantes e recebem uma primeira instrução sobre a forma [do Batismo], quando se diz a eles que uma oração a Deus, a invocação da graça celeste, e a água e a fé, são meios com os quais se realiza o mistério da regeneração, mostram-se céticos considerando a realidade visível, pois, quando se realiza de modo material, não é adequado à promessa divina. Como é possível – dizem – que uma oração e uma invocação da potência divina pronunciada sobre a água se tornem princípio e causa de vida para os iniciados?

### *De que maneira a água regenera*

**2.** Para estes, quando não insistem excessivamente na objeção, bastará uma resposta simples para induzi-los a aceitar a doutrina. Coloquemos para eles a nossa pergunta: dado que o modo do nascimento carnal está claro para todos, como é que se converte em um homem aquela semente que está na origem da formação de um ser vivo? Mas é certo que sobre este ponto não há teoria capaz de formular de algum modo uma explicação convincente. Se as comparamos, que há em comum entre a definição do homem com a qualidade que se observa nesta semente? O homem é um ser racional e inteligente, capaz de pensar e de conhecer; aquela semente, ao contrário, é percebida em sua qualidade de umidade, e o pensamento não capta nada além de quanto é percebido pelos sentidos.

**3.** A resposta que naturalmente nos será dada à pergunta de como é possível que o homem se forme daquela semente é a mesma que daremos quando nos perguntam sobre a regeneração mediante a água. Com efeito, no primeiro caso, para cada uma das pessoas interrogadas, é fácil responder que aquela semente se torna homem pela potência divina, sem a qual a semente seria inativa e ineficaz. Se, portanto, neste caso, não é o elemento material que forma o homem, mas é a potência divina que transforma o elemento sensível em natureza humana, seria extremamente insensato reconhecer em Deus uma tão grande potência em um caso e pensar, no segundo caso, que a divindade é impotente para realizar seu desígnio.

**4.** Que há de comum – dizem – entre a água e a vida? E que há de comum – nós replicamos – entre o elemento úmido e a imagem de Deus? Mas nada há de estranho no fato de que, pela vontade de Deus, o elemento úmido se transforme no ser vivo mais digno. Dizemos o mesmo, para o caso presente, de que nada há de extraordinário se a presença da potência divina faz passar à incorruptibilidade o ser nascido na natureza corruptível.

### *Deus invocado na oração*

**XXXIV.1.** Mas eles procuram uma prova de que Deus se faz presente quando é invocado para a santificação da ação que se realiza. Quem está interessado nisto releia novamente o que já foi examinado anteriormente. A demonstração do caráter verdadeiramente divino da potência que a nós se manifestou na carne constitui um apoio da presente questão.

**2.** Uma vez demonstrada a divindade daquele que se manifestou na carne revelando a sua natureza mediante os milagres realizados ao longo de sua vida, demonstrou-se, ao mesmo tempo, também, que Ele está presente nos eventos toda vez que é invocado. Como todo ser tem alguma característica que revela a sua natureza, assim também o próprio da natureza divina é a verdade. Ora, ele prometeu que estará sempre ao lado daqueles que o invocarem e no meio de seus fiéis,<sup>51</sup> e permanecerá em todos e estará unido a cada um.<sup>52</sup> Não teremos mais necessidade, portanto, de outra prova da presença de Deus na história, se realmente, graças aos milagres, acreditamos na presença divina, se sabemos que é próprio da divindade não ter nenhum contato com a mentira, e se não duvidamos acerca da presença de quanto foi prometido.

### *Eficácia da oração de consagração no Batismo*

**3.** O fato de que a invocação da oração precede a dispensação da graça divina constitui uma prova superabundante de que a ação em vias de execução é levada ao seu termo por parte de Deus. Se, na forma da procriação humana, os impulsos dos pais, embora eles não invoquem a Deus com a oração, segundo dissemos acima, chegam a formar o ser gerado por obra do poder de Deus, sem o qual o esforço deles é ineficaz e inútil. Se é assim, quanto mais completo será, na forma espiritual da geração, o efeito buscado, uma vez que Deus prometeu estar presente na vida e depositou no ato humano seu próprio poder, como acreditamos pela fé, e visto que nossa vontade está inclinada para o objeto desejado, quanto mais completo, dizia eu, se o socorro da oração vem unir-se convenientemente?

**4.** De fato, como aqueles que oram a Deus para fazer resplandecer sobre eles o sol em nada enfraquecem um fenômeno, que é inevitável, nem de outro lado se dirá inútil o empenho deles na oração, pelo fato de pedir a Deus o que acontecerá de todos os modos, assim também os que estão persuadidos pela fé de que, segundo a promessa verídica, a graça necessariamente socorre os regenerados mediante essa misteriosa dispensação divina, ou realizam algum aumento da graça ou, em todo caso, não tiram a já existente. Que ela esteja presente necessariamente, nós o cremos, porque Deus o prometeu, e o testemunho da divindade reside nos milagres. Por conseguinte, por nenhuma razão cabe duvidar da presença divina.

### *Tríplice imersão batismal*

**XXXV.1.** Ora, o entrar do homem na água e a tríplice imersão encerra outro mistério. Com efeito, o modo utilizado para realizar a nossa salvação se fez eficaz não tanto pela força dos preceitos de um ensinamento quanto pelos atos realizados por Aquele que viveu em comunhão de vida com o homem, a fim de que, mediante a carne por ele assumida e deificada com ele, fosse salva também ao mesmo tempo tudo o que é aparentado à carne e é da mesma natureza que ela; por essa razão, era necessário conceber uma forma em que as ações de quem segue e de quem precede como guia contivessem algum parentesco e semelhança.<sup>53</sup> É preciso agora ver com quais traços apareceu Aquele que se colocou como guia da nossa vida, para que, como diz o Apóstolo,<sup>54</sup> sobre o exemplo do autor da nossa salvação, a imitação por parte daqueles que seguem, tenha bom êxito.

**2.** Com efeito, do mesmo modo que aqueles que são versados na arte da tática militar instruem na prática das armas os recrutas fazendo com que vejam atentos os movimentos bem ritmados dos soldados em armas, e, se alguém não pratica o exemplo proposto, se vê privado de tal arte, assim também é absolutamente necessário que aqueles que têm idêntico zelo pelo bem sigam igualmente, imitando-o, cuidadosamente, Aquele que é guia da nossa salvação, traduzindo em atos o exemplo que Ele deu antes. Porque não é possível atingir semelhante objetivo sem seguir um caminho análogo.

### *Da oração à liberdade*

**3.** Como no caso daqueles que, perdidos no emaranhado de um labirinto, não sabem encontrar uma saída e que reencontram uma pessoa que dele tem experiência, seguindo seus passos, chegam a atravessar os meandros complicados e enganosos do edifício, e não poderiam dele sair sem seguir as pegadas de seu guia, assim também tu deves pensar que o labirinto desta vida seria sem saída para a natureza humana, se não tomasse aquela mesma estrada através da qual está livre do cárcere aquele que nele entrou.

### *O terceiro dia*

**4.** Por labirinto entendo, metaforicamente, a prisão sem saída da morte, na qual foi encerrado o

infeliz gênero humano. Que coisa, portanto, contemplamos na vida d'Aquele que é o autor da nossa salvação? O estado de morte durante três dias, e vida novamente. É preciso então imaginar também para nós algo semelhante. E qual é esta ideia pela qual se possa imitar plenamente aquilo que Ele realizou?

**5.** Todo ser que morre tem um lugar próprio e natural, isto é, a terra, na qual é estendido e sepultado. Mas a terra e a água têm mutuamente muita afinidade, pois são os dois únicos elementos pesados e com tendência para baixo, e os únicos que subsistem um no outro e que mutuamente se dominam. Portanto, uma vez que o guia da nossa vida desceu à terra, ao morrer, segundo a comum natureza, a imitação de sua morte que nós realizamos é figurada no elemento que com a terra está em estreita afinidade.

**6.** E como Ele, homem descido do alto, depois de ter assumido o estado de morte e ser depositado na terra, no terceiro dia retornou à vida, assim também todo homem que está unido a Ele em sua natureza corporal, tendo em vista o mesmo resultado feliz, quero dizer, à vida como escopo, mediante a infusão da água em vez da terra e a tríplice imersão, reproduz fielmente neste elemento a graça da ressurreição depois de três dias.

**7.** Alguma coisa de análogo foi dito precedentemente, a saber: a morte foi introduzida na natureza humana segundo um desígnio da providência divina, para que, desaparecida a maldade na separação do corpo e da alma, novamente o homem, reconstruído mediante a ressurreição, voltasse a ser intacto, livre das paixões, puro e alheio a toda mescla de maldade. Mas, somente n'Aquele que é guia de nossa salvação, o plano divino relativo à morte teve sua perfeição, pois se cumpriu inteiramente segundo seu próprio fim.

**8.** Com efeito, os elementos que estavam unidos foram separados pela morte, e esses elementos separados foram novamente unidos para que, purificada a natureza na dissolução dos elementos afins – quero dizer, do corpo e da alma –, o retorno desses elementos separados fosse imune de toda mescla estranha. Entretanto, naqueles que seguem este nosso guia, a natureza não permite a imitação exata em todos os pontos; mas que, no momento presente, pratica esta imitação unicamente na medida do possível, e reserva o resto para o tempo futuro.

**9.** Em que consiste então aquela imitação? No fato de realizar o desaparecimento do próprio mal misturado à nossa natureza pela reprodução simbólica da morte efetuada mediante a água; na verdade, trata-se não de um desaparecimento completo, mas de uma interrupção na continuidade do mal, para cuja eliminação concorrem duas causas: o arrependimento de quem pecou e a imitação da morte; graças a elas, o homem é de algum modo livre de sua participação no próprio mal; com o arrependimento, passa a odiar e a repudiar a maldade, e pela morte, realiza o desaparecimento do mal.

#### *Imitar a Cristo*

**10.** Se fosse possível àquele que imita suportar uma morte completa e efetiva, o que aconteceria não seria mais uma imitação, mas uma condição de identidade, e o mal desapareceria radicalmente da nossa natureza, de sorte que, como diz o Apóstolo, se morreria ao pecado de uma vez para sempre.<sup>55</sup> Mas, visto que, como dissemos, nós imitamos a potência suprema só quanto nos permite a pobreza de nossa natureza, saindo novamente da água depois da tríplice imersão, imitamos a sepultura salvífica e a ressurreição, que no tempo ocorreu no terceiro dia, e devemos pensar que, como a água está à nossa disposição e livremente podemos submergir nela e sair novamente dela, assim também o soberano do universo tinha o poder de submergir-se na morte, como nós na água, e novamente retornar à bem-aventurança que lhe é própria.

**11.** Portanto, se levamos em consideração a verossimilhança e julgamos os fatos segundo o grau de poder de uma e da outra parte, não acharemos diferença alguma nos fatos, pois ambas [o Salvador e o homem] realizam o que está em seu poder segundo a capacidade da natureza. Como está em poder do homem, se o desejás, entrar em contato com a água sem perigo, infinitamente mais fácil é pelo poder divino enfrentar a morte e entrar nela sem sofrer nenhuma mudança que comporte fraqueza (*pathos*).

**12.** É por essa razão que devíamos sentir antecipadamente, mediante a água, a graça da ressurreição, em vista de aprender que é igualmente fácil ser batizados com a água e ressurgir novamente da morte. Mas, nos fatos da vida, certas coisas mais importantes que outras, e sem elas o evento não se realizaria; todavia, se comparamos o início com o fim, o início parecerá não ter a menor importância, comparado com o fim: que há de igual entre o homem e aquela semente lançada para a formação do ser vivo? Contudo, sem esta semente, o ser não existiria. Assim também, o dom grande da ressurreição, embora por natureza seja maior, tem as suas origens e os seus fundamentos aqui [no Batismo], pois não é possível que se realize aquele evento final sem que o preceda esta iniciação.

**13.** Eu afirmo que, sem o renascimento batismal, o homem não pode obter a ressurreição, embora não me refira à regeneração e à recomposição do composto humano. Com efeito, a natureza deve encaminhar-se para este estado absolutamente sob o impulso de suas próprias leis e segundo o plano de seu Criador, quer ela receba a graça do Batismo, quer permaneça excluída da participação em tal iniciação; eu me refiro à restauração do estado originário bem-aventurado, divino e isento da infelicidade da queda.<sup>56</sup>

**14.** Porque certamente, nem todos os seres que, mediante a ressurreição, recebem o privilégio de regressar à existência retornam à mesma vida, mas que há muita distância entre os que estão purificados e os que, porém, necessitam de purificação. Com efeito, para aqueles que nesta vida foram guiados pela purificação do Batismo, o retorno será conatural ao seu estado; mas à pureza está estreitamente ligada a liberdade das paixões (*apatheia*), e não há dúvida de que, na ausência de paixões (*apatheia*), consiste a bem-aventurança. Quanto àqueles que, ao contrário, se deixaram enrijecer pelas paixões e não aplicaram nenhum remédio para purificar suas imundícies, nem a água sacramental, nem a invocação do poder divino, nem a emenda do arrependimento, esses também deverão receber, necessariamente, o lugar que corresponde à sua conduta.

#### *A Lei da purificação*

**15.** Ora, o que corresponde ao ouro impuro é o forno de fundição:<sup>57</sup> assim, uma vez fundida toda a maldade que se tinha misturado a esses pecadores, sua natureza, já purificada depois de longos séculos, será reconduzida a Deus sã e salva. Por conseguinte, visto que há certa força purificadora no fogo e na água, aqueles que lavaram a mancha da maldade mediante a água sacramental não necessitam da outra forma de purificação; aqueles, ao contrário, que não foram iniciados nessa purificação, necessariamente deverão ser purificados pelo fogo.

**XXXVI.1.** A razão comum e o ensinamento das Escrituras mostram que é impossível entrar no coro divino sem ser purificado completamente de todas as manchas da maldade. Isso, mesmo sendo em si pouca coisa, é o princípio e fundamento de grandes bens. Digo que é pouca coisa pela facilidade do bom resultado. Que fadiga custa neste caso acreditar que Deus está presente em todos os lugares e que, estando em tudo, assiste também os que invocam seu poder vivificante, e que estando presente realiza o que lhe é próprio?

**2.** Ora, o próprio da atividade divina é obter a salvação daqueles que dela necessitam. E esta salvação se efetua mediante a purificação na água. Aquele que foi purificado participará no

estado de pureza, a pureza verdadeira é a divindade. Estás vendo como o princípio é pouca coisa e fácil de realizar bem: a fé e a água; a fé, porque está dentro de nossa livre vontade; a água, porque é familiar à vida humana. Mas o bem que delas nasce é tão grande e tão precioso que implica a familiaridade com a própria divindade.

## EUCARISTIA

### *O corpo e o sangue de Cristo santificado*

**XXXVII.1** Mas, uma vez que o ser humano é duplo, composto da mistura de uma alma e de um corpo, é necessário que aqueles que são objeto da salvação tenham contato por meio de ambos com Aquele que conduz à vida. Quando, portanto, a alma se uniu a Ele mediante a fé, n'Ele encontra os princípios da salvação; porque a união com a vida implica a participação na vida; o corpo, porém, possui outro modo de participar e de unir-se ao Salvador.

2. Com efeito, como aqueles que, tendo tomado um veneno ministrado com insídia, conseguem extinguir a força destrutiva com outro remédio, mas também o antídoto deve penetrar, como o veneno, dentro das vísceras do homem, para que, através delas, a força do remédio se distribua por todo o corpo, assim também nós, depois de ter saboreado o que causa a dissolução de nossa natureza, tínhamos novamente absoluta necessidade d'Aquele que reunifica a alma e o corpo separados, para que este remédio salutar, agindo em nós, eliminasse por seu próprio efeito o dano do veneno introduzido antes em nosso corpo.

### *Remédio contra a morte*

3. E qual é, portanto, este remédio salutar? Não é outro senão aquele corpo que se mostrou mais forte que a morte e tornou-se para nós fonte de vida. Como pouco fermento, segundo a expressão do Apóstolo, leveda toda a massa, assim também o corpo tornado imortal por Deus, quando se introduz no nosso, o transforma e muda<sup>58</sup> inteiramente na própria substância. Com efeito, da mesma maneira que um medicamento destrutivo mesclado com o corpo são corrompe tudo o que é afetado pela mescla, assim também o corpo imortal, um vez que esteja presente naquele que o recebe, transforma inteiramente aquele ser na própria natureza.

4. Mas, para entrar no corpo, não há outro modo senão misturar-se às entranhas mediante a comida e a bebida. É, portanto, necessário que o corpo receba a força que o vivifica, segundo a via de que é capaz a natureza. Ora, o único corpo que recebeu esta graça é aquele no qual Deus se encarnou. De outro lado, demonstrou-se impossível para o nosso corpo ter a imortalidade sem participar na incorruptibilidade mediante a união com o ser imortal: por isso, convém examinar como foi possível que este único corpo, distribuído perenemente entre tantas miríades de fiéis por toda a terra habitada, esteja todo inteiro em cada parte e permaneça todo inteiro em si mesmo.

5. Por conseguinte, para que nossa fé, diante da coerência lógica de nosso discurso, não tenha a menor sombra de dúvida acerca do objeto de nossa reflexão, convém deter um momento nosso raciocínio no estudo da natureza do corpo. Quem não sabe que a natureza do nosso corpo não possui por si mesma a vida em uma subsistência própria, mas que se mantém e subsiste graças à força que aflui sobre ela e que, mediante um movimento incessante, atrai o que lhe falta e elimina o supérfluo?<sup>59</sup>

6. É como um odre cheio de água que, se o líquido escorre pelo fundo, não conserva mais a amplitude da sua forma, a não ser que se introduza do alto um outro líquido no espaço permanecido vazio, de sorte que quem vê a circunferência volumosa deste recipiente sabe que essa não é própria do objeto observado, mas que é o líquido vertido nele o que configura os contornos perimétricos, assim também achamos que a estrutura de nosso corpo não possui

um meio próprio para a sua própria subsistência, ao passo que é conhecido que essa permanece na existência graças à força que nela é introduzida.

### *Alimento eucarístico*

**7.** E esta força é aquela que se chama alimento. Mas não é o mesmo para todos os corpos alimentados, mas que há um alimento adequado para cada um, segundo a disposição d'Aquele que administra a natureza. Entre os seres vivos, uns se alimentam arrancando raízes; outros vivem de ervas, e alguns, de carne, enquanto para o homem o principal alimento é o pão. E, para manter e conservar a umidade interna, a bebida não consiste somente na água pura, mas frequentemente misturada com vinho para ajudar nosso calor interno. Quem, portanto, considera esses elementos está considerando em potência o volume no corpo: aqueles elementos, de fato, uma vez dentro de mim, tornam-se meu sangue e meu corpo, ao transformar-se adequadamente o alimento na forma do corpo<sup>60</sup> graças à força de assimilação.

**8.** Depois de ter examinado assim detalhadamente esses diferentes pontos, devemos retomar as questões já postas. Com efeito, estávamos indagando como o único corpo de Cristo vivifica toda a natureza dos homens que têm fé, distribuído a todos sem Ele mesmo ser diminuído. Talvez, pois, estejamos próximo da provável explicação. Com efeito, se a substância de todo corpo depende do alimento, e este consiste na comida e na bebida, e na comida está o pão e, na bebida, a água misturada com vinho; e se, por outro lado, como se explicou anteriormente, o Verbo de Deus, sendo, ao mesmo tempo, Deus e Verbo, se misturou com a natureza humana, ao entrar em nosso corpo, não imaginou para a natureza uma nova forma de existência, mas deu a este corpo o meio de subsistir no ser pelos procedimentos habituais e adequados, conservando sua substância mediante a comida e a bebida, e esta comida era o pão.

### *O pão de Deus*

**9.** No que nos diz respeito, como se disse já muitas vezes, quando se vê o pão, de algum modo está vendo o corpo do homem, porque o pão, penetrando no corpo, se converte no corpo mesmo, assim também aqui, o corpo no qual Deus se encarnou, recebendo o alimento do pão, se identificava de certo modo com o pão, pois como se disse, o alimento se transforma na natureza do corpo. Com efeito, naquela carne se reconheceu a característica própria de todo homem, a saber: que também aquele corpo era sustentado pelo pão. Mas este corpo, em razão da inabitação do Verbo de Deus, foi transformado e elevado à dignidade divina. Portanto, nós agora cremos com razão que o pão santificado pelo Verbo de Deus se transforma no corpo do Verbo divino.

**10.** Pois este corpo era pão em potência e se santificou com a presença do Verbo, que ergueu sua tenda na carne.<sup>61</sup> Portanto, como o pão depois da transformação naquele corpo foi elevado à potência divina, assim também aqui temos o mesmo resultado. No primeiro caso, a graça do Verbo santificou o corpo que subsistia por força do pão e que, de certo modo, era pão ele mesmo; da mesma maneira no presente caso, o pão, segundo a palavra do Apóstolo, “é santificado pelo Verbo de Deus e pela oração”,<sup>62</sup> mas não se converte no corpo do Verbo por via da alimentação, mas é transformado imediatamente em seu corpo em virtude do Verbo, como o mesmo Verbo disse: “Isto é meu corpo”.<sup>63</sup>

### *O vinho e a água, sangue de Cristo*

**11.** Mas toda carne se alimenta também do elemento úmido, pois, sem o concurso de ambos, o que há de terrestre em nós não permaneceria com vida: da mesma maneira que nós sustentamos a parte sólida de nosso corpo com uma alimentação sólida e consistente, assim

também, para o elemento úmido, trazemos um complemento que provém daquilo que tem a mesma natureza; uma vez dentro de nós, se transforma em sangue sob a ação de nossa faculdade de assimilação, sobretudo se, sob o efeito da mistura com o vinho, adquire o poder de transformar-se em calor.

**12.** Como esta carne na qual Deus desceu também acolheu este elemento necessário para a subsistência, e Deus, por outro lado, ao manifestar-se, se misturou à natureza perecível em vista de deificar juntamente com ele a humanidade mediante a participação na divindade; por essa razão Ele se doa como uma semente, segundo o plano salvífico da graça, em todos os crentes mediante a carne, que se compõe de vinho e de pão, e se une ao corpo dos crentes, para que também o homem, pela união com o que é imortal, tenha parte na incorruptibilidade. Esses são os dons que Ele concede transformando a natureza dos elementos em seu corpo imortal com a potência de sua bênção.

## FÉ E MISTÉRIO DA TRINDADE

**XXXVIII.1.** Creio que, em nosso raciocínio, não foi omitida nenhuma das questões concernentes ao mistério de nossa religião, excetuando o aspecto teórico da fé, que desejamos igualmente expor em breve também neste tratado. Para aqueles que procuram uma exposição mais completa, há outras obras, nas quais explicamos minuciosamente e com todo o cuidado a doutrina, segundo nossas possibilidades, e nos quais sustentamos controvérsias contra os adversários, e examinamos em si mesmas as objeções que nos foram propostas.

**2.** No presente tratado, acreditamos que será bom dizer a respeito da fé só quanto está contido na palavra do Evangelho, a saber: que Aquele que é engendrado segundo a regeneração espiritual sabe por quem foi gerado e de que natureza é a sua vida.<sup>64</sup> Com efeito, unicamente esta forma de geração tem o poder de chegar a ser o que precisamente escolher ser.

**XXXIX.1.** Enquanto os demais seres que nascem devem a sua existência ao impulso de seus progenitores, o nascimento espiritual, ao contrário, depende da vontade daquele que nasce. Mas, nesse último caso, visto que cada um dispõe da liberdade de escolha, há o perigo de que alguém erre sobre o que é verdadeiramente conveniente, pois a escolha é livre para todos; seria bom, digo, que aquele que tenta realizar o próprio nascimento conheça, pela reflexão, antecipadamente, a quem lhe será proveitoso ter por pai, e de quem sairá constituída a sua natureza, pois se disse que nesta classe de nascimento se escolhe livremente os seus genitores.

**2.** E visto que os seres se dividem em duas partes, o elemento criado e o incriado, e enquanto a natureza incriada possui em si mesma a imobilidade e a imutabilidade,<sup>65</sup> a criação, ao contrário, está sujeita à mudança, quem deseja escolher conscientemente o que é proveitoso, de quem preferirá ser filho: da natureza que contemplamos sujeita à mudança, ou daquela que possui uma natureza imutável, firme no bem e sempre a mesma?

**3.** Segundo a tradição contida no Evangelho, há três pessoas e três nomes pelos quais se realiza o nascimento dos crentes: aquele que é engendrado na Tríade é igualmente engendrado pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo: pois o Evangelho diz acerca do Espírito: Aquele nascido do Espírito é espírito;<sup>66</sup> e Paulo gera em Cristo,<sup>67</sup> e o Pai é Pai de todos.<sup>68</sup> Aqui, portanto, a mente de quem ouve mostre a sua sabedoria não se fazendo filha da natureza sujeita à mutabilidade, enquanto está em seu poder buscar como fonte da própria vida a natureza estável e não sujeita à mudança.

**4.** Com efeito, a eficácia do ato realizado depende da disposição do coração de quem se aproxima da graça do sacramento, de sorte que quem reconhece o caráter incriado da santa

Trindade entra na vida (*zōēn*) estável e imutável, ao passo que aquele que, por uma concepção errônea, vê na Trindade a natureza criada, e com tal concepção recebe, portanto, o Batismo, é novamente gerado para uma vida (*biōi*) sujeita à mudança e à alteração; porque, com efeito, o engendrado tem necessariamente a mesma natureza dos pais.<sup>69</sup>

5. Portanto, que será mais proveitoso: entrar na vida imutável ou ser novamente sacudido pelas vagas de uma vida instável e sujeita a mudança? Para todo aquele que tenha um mínimo de inteligência, é evidente que o estável possui muito mais valor do que aquilo que é instável, o perfeito mais do que o imperfeito, o que não necessita mais do que tem necessidades, e está claro também que o ser que não tem progresso a realizar e que permanece imutavelmente na perfeição da bondade tem muito mais valor do que aquele que se eleva progressivamente; por tais razões, quem é sensato deverá necessariamente escolher em todo caso uma dessas duas: ou crer que a santa Trindade pertence à natureza incriada e assim, mediante o nascimento espiritual, constituí-la princípio da própria vida, ou, se julga que o Filho e o Espírito Santo são estranhos à natureza do Deus primeiro, verdadeiro e bom – digo, à natureza do Pai –, não assumir essas crenças no momento de seu nascimento, para evitar que, sem dar-se conta, venha a introduzir-se inconscientemente na natureza imperfeita e necessitada de melhoria e a retornar de algum modo à sua condição natural por haver separado sua fé da natureza transcendente.

6. Com efeito, aquele que se subjugava a um ser criado, sem o saber, coloca sua esperança de salvação neste ser e não na divindade. Porque toda a criação, pelo fato de passar por igual do não-ser ao ser, está em uma relação de estreito parentesco. E assim como na estrutura dos corpos todos os membros possuem estreita afinidade entre si, por mais que uns se achem na parte superior e, outros, na inferior, assim também a natureza criada forma uma unidade segundo o plano da criação, e a diferença que separa em nós o elemento superior do inferior não provoca desunião alguma em sua própria coesão interna; porque as coisas que primeiramente tínhamos concebido por igual como não-existentes, embora difiram em outros aspectos, nesta parte ao menos não revelam nenhuma diferença de natureza.

7. Portanto, se o homem é criado e pensa que o Espírito e o Deus Unigênito são criaturas, estulta seria a sua esperança em uma mudança no estado superior, pois volta a si mesmo. O caso nos remete aos preceitos de Nicodemos, o qual, tendo aprendido do Senhor que é necessário nascer do alto, por não compreender ainda a razão do mistério, via-se arrastado em suas reflexões ao seio materno.<sup>70</sup> Por conseguinte, se o homem se dirige não à natureza incriada, mas à criação que compartilha sua origem e sua condição de escravidão, então pertence ao nascimento de baixo e ao do alto. O Evangelho afirma, ao contrário, que o nascimento de quem é salvo vem do alto.

### *Necessidade da conversão interior*

**XL.1.** Mas parece-me que a catequese não ensina o suficiente se se limita ao que foi dito. Com efeito, é preciso considerar também o que vem depois do Batismo, o que negligenciam muitos daqueles que se acercam à graça do Batismo, com o qual se extraviam enganando-se a si mesmos, e seu nascimento é só aparente, e não realidade. Com efeito, a transformação de nossa vida realizada mediante a regeneração não pode ser uma transformação se permanecemos na mesma condição atual. Aquele que continua a viver nas mesmas condições, eu não chego a pensar como o renascimento o tenha renovado, uma vez que nada mudou em seus traços característicos. É claro para todo mundo que o nascimento salutar se recebe com vistas à renovação e à transformação de nossa natureza.

2. Mas a natureza humana, tomada em si mesma, não sofre mudança alguma depois do

batismo: nem a razão, nem a inteligência, nem a faculdade de saber, nem qualquer outra das propriedades características da natureza humana se transforma. A razão é que a transformação seria para o pior, caso fosse mudada uma dessas características próprias da natureza. Portanto, se o nascimento do alto consiste em uma transformação do homem, e se essas características não comportam mudança, é preciso examinar o que é que se transforma para que se realize a graça da regeneração.

**3.** É evidente que a transformação que nos torna melhores acontece com o desaparecimento das tendências más da nossa natureza. Portanto, se, como diz o Profeta,<sup>71</sup> depois de lavados com a água sacramental e extirpadas nossas maldades, tornamo-nos melhores e somos transformados no sentido do melhor. Se, ao contrário, o batismo se aplica somente ao corpo sem que a alma seja das imundícies provocadas pelas paixões e se a vida que segue à iniciação batismal permanece idêntica àquela vida anterior de não-batizados, por muito atrevido que sejam meus propósitos, eu afirmarei sem rodeios: neste caso, a água é somente água, pois de modo algum se manifesta no ato realizado o dom do Espírito Santo, quando não somente insulta a imagem divina que traz em si pelo vício vergonhoso da cólera ou pela paixão da avareza, pelo orgulho, pela inveja e pela arrogância desdenhosa, mas persistem ainda inalteradas no homem as ganâncias provenientes da injustiça, e a mulher que adquiriu no adultério continua depois disso servindo aos seus prazeres.

**4.** Se estas e outras maldades semelhantes se acham na vida do batizado antes e depois disso, não sei ver qual mudança nele tenha acontecido, pois estou vendo depois o mesmo que já vi antes. Nesse caso, aqueles que sofreram injustiça, ou foram vítimas de calúnias ou despojados de seus bens, não veem tampouco, no que lhes diz respeito, a menor mudança daquele que foi batizado. Não ouviram dele tampouco aquela declaração de Zaqueu: “Se em alguma coisa defraudei alguém, lhe restituirei quatro vezes mais”.<sup>72</sup> Aquilo que diziam dela antes do batismo o repetem ainda, e eles o chamam com os mesmos nomes: homem avaro, cheio de cobiça pelo bem alheio, vivendo no luxo às expensas das desgraças humanas. Aquele que permanece nas mesmas condições de antes e que, em seguida, se vangloria da transformação realizada nele pelo batismo, que o tornou melhor, ouça as palavras de Paulo:<sup>73</sup> “Se alguém acredita ser alguma coisa, enquanto nada é, engana a si mesmo”. Porque o que tu não te tornaste, tu não o podes ser.

**5.** “A todos aqueles que o acolheram”, diz o Evangelho a propósito dos homens regenerados, “deu o poder de se tornarem filhos de Deus”.<sup>74</sup> O filho participa necessariamente da natureza do pai. Se, portanto, tu acolheste a Deus e te tornaste seu filho, mostra em ti mesmo Aquele que te gerou. A estreita união com Deus por parte de quem foi feito filho de Deus convém que se demonstre através dos mesmos traços característicos com os quais reconhecemos a Deus: Ele abre sua mão e sacia todo vivente de boa vontade,<sup>75</sup> perdoa a iniquidade,<sup>76</sup> arrepende-se do castigo;<sup>77</sup> o Senhor é bom para com todos,<sup>78</sup> não está irado a cada dia;<sup>79</sup> reto é o Senhor Deus, e nele não há injustiça,<sup>80</sup> e assim todas as qualidades próprias do mesmo gênero a Escritura nos ensina muitas vezes.

**6.** Se eras portador desses traços, chegaste a ser verdadeiramente filho de Deus, mas se, porém, continuas com os traços da maldade, em vão irás murmurando que nasceste do alto. A voz do Profeta te dirá: Tu és filho do homem,<sup>81</sup> não filho do Altíssimo;<sup>82</sup> tu amas a vaidade, procuras a mentira. Tu não sabes como o homem é exaltado,<sup>83</sup> e que não pode sê-lo senão tornando-se santo!

## FINS ÚLTIMOS

7. Seria necessário acrescentar a esses ensinamentos aquele que ainda resta por dizer: que os bens oferecidos aos que levam uma vida boa são de tal natureza que escapam a toda descrição. Com efeito, como descrever o que nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem chegou ao coração do homem?<sup>84</sup> E a vida dolorosa dos pecados tampouco pode ser comparada com os sofrimentos que atormentam os sentidos aqui embaixo. Mas, até no caso de que se queira também expressar algum dos castigos do além com termos em uso entre nós, a diferença não é pequena. Ouvindo a palavra “fogo”, tu aprendeste a pensar uma coisa diversa do nosso fogo, porque naquele fogo se encontra uma qualidade que não há no nosso: aquele, de fato, não se apaga, ao passo que, com a experiência, o nosso pode ser apagado por múltiplos meios, e a diferença é grande entre um fogo que se apaga e outro que é inextinguível. Portanto, este fogo é outra coisa, e não se identifica com aquele daqui embaixo.

8. E também quando alguém ouve a palavra “verme”, que pela semelhança do nome não se deixe induzir a pensar neste animalzinho terrestre; porque o acréscimo do qualificativo “eterno” supõe pensar em uma natureza diversa da que conhecemos. Estas são, portanto, as realidades que se oferecem à esperança da vida futura e são, segundo o justo juízo de Deus, o resultado da vida conduzida por cada um segundo sua livre vontade. Dever de homens sábios é olhar, não para o tempo presente, mas para o futuro, lançar nesta vida breve e passageira as bases da felicidade infável, e, mediante uma escolha de boa vontade, afastar-se da experiência do mal agora, nesta vida, e depois desta vida na posse da recompensa eterna.

<sup>1</sup> Os subtítulos em itálicos foram acrescentados a partir das indicações da edição de Raymond WINLING (em GRÉGOIRE DE NYSSE, *Discours Catéchétique*. Introduction, traduction et notes [Sources Chrétiennes, nº 453]. Paris: Éditions Du Cerf, 2000, pp. 136-339).

<sup>2</sup> Segundo os anomeus ou nearianos, o Filho é fundamentalmente dessemelhante (*anhomoios*) do Pai. No contexto das discussões teológicas sobre a Trindade no século IV, S. Gregório de Nissa combateu o anomeísmo especialmente em seus tratados *Contra Eunômio* (cf. GRÉGOIRE DE NYSSE, *Contre Eunome I* (1-146). Introduction, traduction et notes par R. WINLING [Sources Chrétiennes, nº 521]. Paris: Éditions Du Cerf, 2008, pp. 53-107).

<sup>3</sup> Sobre o maniqueísmo, ver M. R. NUNES COSTA, *Maniqueísmo: história, filosofia e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003.

<sup>4</sup> Sobre essas heresias, ver R. FRANGIOTTI, *História das heresias – Conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>5</sup> Em outras palavras: o Espírito divino é uma potência substancial, que é contemplada em si mesma como hipótese própria, que não pode ser separada nem do Pai, nem do Filho e que não se expande externamente para cessar de ser, mas que, de modo semelhante ao Verbo, subsiste como hipótese, dotada de vontade, movimento e atividade e escolhe sempre o bem. Como bem observou J. Daniélou, “para Gregório, a analogia é, antes, aquela da relação da alma com a respiração do que aquela do espírito com o verbo mental e a vontade. Isto está perfeitamente na linha de seu materialismo, que lhe faz procurar as analogias da divindade, antes, entre as coisas sensíveis do que entre aquelas inteligíveis” (*Le IV<sup>e</sup> siècle. Gregoire de Nysse et son milieu*. Paris, 1964, p. 49).

<sup>6</sup> Ao falar de conhecimento limitado, Gregório de Nissa acentuará aqui e em outras obras (por exemplo, na polêmica contra Eunômio na obra *Contra Eunômio I*, 47) a incompreensibilidade da divina *ousia*, conhecida só indiretamente a partir dos efeitos ou operações. A incompreensibilidade deriva da diferença qualitativa entre o criado e o incriado, de sorte que o conhecimento, ligado ao criado, não pode pretender raciocinar sobre o incriado com a mesma lógica. Longe de conduzir ao *agnosticismo*, tal incompreensibilidade conduz ao *desejo* sempre mais acedo de aproximar-se de Deus, imergindo o criador em seu mistério infinito.

<sup>7</sup> Gregório de Nissa desenvolveu um conceito de pessoa (*prósôpon, hypóstasis*) muito apurado no contexto de seus esforços para esclarecer o paradoxo da Trindade – um único Deus que compreende três pessoas distintas. O grande contributo de Gregório de Nissa foi ter percebido a importância da categoria da relação para a personalidade: as três pessoas divinas se conhecem e se amam reciprocamente, estão em comunhão recíproca e agem livremente juntas em sua vontade comum. Ele esforçou-se por realizar uma esmerada análise daquilo que é uma pessoa, defendendo a divindade de cada uma das três Pessoas da Santíssima Trindade e refletindo também sobre pessoas humanas e angélicas Cf. L. TURCESCU, “Persona”, in MATEO-SECO, L.-F. & MASPERO, G. (org.), *Gregorio di Nissa Dizionario*. Roma: Città Nuova, 2007, pp. 452-457.

<sup>8</sup> SI 33,6; cf. Sb 1,7.

<sup>9</sup> Cf. Gn 1,26.

<sup>10</sup> Cf. 1Tm 4,4.

<sup>11</sup> Gn 2,7.

<sup>12</sup> Cf. Gn 1,28-30.

<sup>13</sup> 1Cor 2,14-15.

<sup>14</sup> Lc 5,31.

<sup>15</sup> Cf. SI 39,12.

<sup>16</sup> Gregório de Nissa utiliza duas vezes o termo *pathos* com sentidos diferentes: no primeiro caso, trata-se da *paixão* que concerne às relações carais entre os pais. É o que leva ao nascimento; no segundo caso, a *paixão* diz respeito a um estado de enfermidade do organismo que conduzirá inelutavelmente ao falecimento e à dissolução. É o momento final da morte.

<sup>17</sup> Cf. SI 15,10; At 2,31. Gregório de Nissa alude à crença na concepção virginal do Filho de Deus, o que significa que Maria terá concebido a Jesus como virgem sem contato carnal com José. Tenha-se em vista o sintagma “um nascimento isento de corrupção” (*gennésin áphthoron*: GREGÓRIO DE NISSA, *A Grande Catequese* XXIII,2). Há um texto no Evangelho de São João que corrobora o modo misterioso da Encarnação do Verbo, desde que lido com o verbo *gerar* no singular: “Ele (Cristo) não foi gerado nem do sangue, nem de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem” (Jo 1,13). A última negação insiste no fato de que o Verbo Encarnado, ainda que nascido de uma mãe (“a mãe de Jesus”), não teve, porém, *pai humano* no sentido ordinário do termo. Para a fundamentação desta interpretação, cf. Bento SILVA SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*. Aparecida: Santuário, 1994, pp. 183-216; Idem, *A Mãe de Jesus no Novo Testamento*. Aparecida: Santuário, 2000, pp. 85-123.

<sup>18</sup> Gregório de Nissa concebe a ressurreição como um acontecimento pelo qual a alma recebe novamente forças para dar vida e unidade aos elementos de seu corpo, que se encontram dispersos. Haverá uma profunda transformação nos corpos ressuscitados, mas se conserva a distinção pessoal. Cf. *A Alma e a Ressurreição*, 76-84A.

<sup>19</sup> Cf. SI 31,20.

<sup>20</sup> Cf. Tt 2,11.

<sup>21</sup> O esplêndido Templo de Jerusalém foi destruído pelo exército de Tito no ano 70. Posteriormente, isto é, nos anos 134-135, o Imperador Adriano reconstruiu a cidade, então denominada *Aelia Capitolina*.

<sup>22</sup> Cf. SI 106 (105),4-5; 119,11.

<sup>23</sup> Observemos um aceno a uma doutrina típica do pensamento de Gregório de Nissa: o constante movimento da alma em direção ao bem (e, portanto, para Deus). É uma espécie de tensão (*epéktasis*) eterna que perdura para além da vida temporal.

<sup>24</sup> Trata-se da fábula de ESOPO, *O cão e sua ração*, retomada por LA FONTAINE: “O cão que deixa sua presa pela sombra”.

<sup>25</sup> O autor toca aqui na teoria do “enganador enganado: os direitos do demônio e o tema do resgate”. Em resumo: segundo Raymond WINLING (em GRÉGOIRE DE NYSSE, *Discours Catéchétique*, 82)

eis o raciocínio desenvolvido por Gregório de Nissa: "O homem, enganado pelo tentador, vendera voluntariamente sua liberdade e se tomara escravo de uma autoridade tirânica. Entretanto, a justiça proíbia a Deus de apelar à superioridade de seu poder para arrancar o homem à força daquele que havia se tomado seu mestre e que tinha um direito formal sobre ele. A justiça exigia que o possuidor tivesse a escolha do resgate". Tenha-se em vista o que afirma o próprio Gregório de Nissa: "A decisão de salvar-nos testemunha a sua bondade; o ter dado um caráter contratual para o resgate do homem mantido em escravidão demonstra a justiça [de Deus]" (*A Grande Catequese*, XXIII.4). Em razão do contexto social da época que admitia a escravidão, não é de estranhar a noção de resgate. Esta forma de linguagem, portanto, soa bastante difícil de compreender em outros tipos de sociedade.

[26](#) Cf. 1Cor 2,8.

[27](#) O raciocínio é apresentado sob forma de paradoxo. Observemos que o argumento de Gregório de Nissa tem raízes bíblicas: cf. 1Cor 1,18-25; 2Cor 12,9; 13,4.

[28](#) Cf. Sl 104,1-3; 139,7-8; Is 40,22; Jr 23,4; Am 9,2-3.

[29](#) Cf. Ex 3,14.

[30](#) Cf. Gl 6,7.

[31](#) Cf. Gn 3,6.

[32](#) Cf. Gn 4,1-5.

[33](#) Cf. Gn 6-7.

[34](#) Cf. Gn 19,1-4.

[35](#) Cf. Is 37,23-24; cf. Hab 2,4-5 (possível troca dos caldeus com os assírios por parte de Gregório de Nissa).

[36](#) Cf. Mt 23,34-35.

[37](#) Cf. Mt 2,16-18.

[38](#) Seria proveitoso ler este capítulo, paralelamente, com os capítulos 23-25 da obra *A Encarnação do Verbo* de S. Atanásio (ver coleção PATRÍSTICA, nº 18).

São Paulo: Paulus Editora): em ambos os escritos estão presentes as mesmas objeções contra a Encarnação do Verbo, e as respostas são convergentes. Os pagãos apresentam três objeções contra a Encarnação do Verbo: 1ª) Por que a Encarnação sucede tão tarde, por que Cristo compartilha *toda* a vida dos homens, desde o nascimento até a morte, por que suportou uma morte tão infame como a morte na cruz? Resposta: A Encarnação se realizou tão tarde porque convinha que o mal chegasse à plenitude de sua manifestação para ser melhor removido; 2ª) O escândalo causado ao contemplar o Verbo submetido ao *pathos* humano. Resposta: é preciso distinguir um duplo nível no conceito de *pathos*: é indigno de Deus somente o *pathos* do pecado; o *pathos*, que se observa na ação inerente à natureza sobre nós, segundo um desenvolvimento progressivo, e que resulta ora no nascimento, ora no crescimento, ora na morte, não tem em si mesmo nada de pecaminoso e, consequentemente, nada há em si que seja indigno de Deus; 3ª) Por que Deus não arancou o homem das garras do inimigo com um só ato de seu poder divino para reconduzi-lo à condição originária? Por que um caminho tão longo e complexo para realizar a salvação? Resposta: Gregório responde que a vida de Cristo foi lenta, como é lenta a vida dos homens, mas Deus se submeteu ao longo processo de ser gerado, de nascer, crescer e morrer, porque a lógica da Encarnação exige não somente que o Verbo assuma um corpo e uma alma humanos, mas requer também que compartilhe a história dos homens, e isso se realiza partilhando a vida deles, desde o nascimento até a morte (cf. *A Grande Catequese*, XV.4; XXVII). Cf. também L. F. MATEO-SECO, "Cristologia", in MATEO-SECO, L. F. & MASPERO, G. (orgs.). *Gregório di Nissa Dicionário*. Roma: Città Nuova, 2007, pp. 166-168.

[39](#) Literalmente: *ho theodóchos ánthrōpos* = "o homem que acolheu a Deus (nele)".

[40](#) Gregório de Nissa recebe da tradição o simbolismo cósmico da cruz e se refere inequivocamente a Ef 3,18 e Fl 2,10s. Neste simbolismo, ele conserva o que é expressão da universalidade da ação salvífica. A cruz quadriforme com seus quatro prolongamentos a partir do centro designa todo o universo em sua altura e em sua profundidade, em sua largura e em seu comprimento.

[41](#) O vocábulo *sympnoia*, de origem estoica e neoplatônica, é utilizado em uma diversidade de esferas, o que lhe confere grande riqueza de conteúdo: concurso dos elementos no interior do mundo material; acordo de conspiração das vontades no interior do mundo espiritual; comunhão das criaturas enquanto mantidas na existência pelo Existente. Em nosso contexto, aparece o valor simbólico atribuído por Gregório de Nissa: as quatro dimensões da cruz demonstram que Aquele que nela tinha sido pregado, Cristo, é o Deus cuja potência e providência penetra a totalidade da criação. A cruz expressa assim, ao mesmo tempo, a extensão universal da ação divina e a divindade de Cristo. Cf. J. A. GIL-TAMAYO, "symphonia-sympnoia", in MATEO-SECO, L. F. & MASPERO, G. (orgs.). *Gregório di Nissa Dicionário*, pp. 511-514.

[42](#) Cf. Ef 3,18.

[43](#) Fl 2,10.

[44](#) Cf. Mt 27,50; Jo 19,34.

[45](#) Cf. Lc 24,36; Jo 20,19.

[46](#) Cf. Jo 20,22.

[47](#) Cf. Mt 28,20.

[48](#) Cf. Lc 24,50; At 1,9.

[49](#) Para Gregório de Nissa, o batismo é uma nova criação, que passa através da imitação dos *acta et passa Christi*. E *mimêsis* (= imitação) é justamente o nome com o qual se designava na época o batismo. A teologia sacramental de Gregório se insere no contexto da dimensão antropológica da *imagem* e da *semelhança* de Gn 1,26. São duas as dimensões características da teologia batismal em Gregório: de um lado, o sacramento é considerado como início de uma nova vida, enquanto recriação; de outro lado, enfatiza-se fortemente o processo de identificação contínua com Cristo, que se prolonga por toda a vida do cristão e se expressa na necessária e íntima conexão entre Batismo e Eucaristia, em um contexto profundamente unitário de toda a iniciação cristã. Cf. G. MASPERO, "Battesimo", in MATEO-SECO, L. F. & MASPERO, G. (orgs.). *Gregório di Nissa Dicionário*. Roma: Città Nuova, 2007, pp. 115-117.

[50](#) Para falar do conceito de vida, Gregório de Nissa utiliza dois termos: *bios* e *zōē*. A vida como *bios* designa o mais frequentemente a existência corporal e terrena dos homens, mas a vida como *zōē* indica o princípio e a fonte da própria vida. Neste sentido, *zōē* diz respeito a um conceito bem mais amplo, intensiva e extensivamente. Em nosso texto, o termo *zōē* evidencia a raiz intratritinária da salvação sacramental que, enquanto introdução à vida eterna, transborda da própria geração eterna que caracteriza a vida divina. Como bem observou Giulio Maspero, *bios* e *zōē* são termos correlatos e que se remetem um ao outro "em uma circularidade que se funda na relação entre ser e agir: a vida divina (*zōē*), com o amor que a distingue, deve tornar-se visível e eficaz na vida do homem, isto é, em sua história (*bios*), à base da mesma relação que ocorre entre o princípio eficaz e a sua manifestação; mas, ao mesmo tempo, isto é possível somente porque Deus, por si mesmo invisível, ofereceu aos homens na vida (*bios*) do Filho encarnado o caminho para transfigurar a própria vida (*zōē*)". G. MASPERO, "Vita", in MATEO-SECO, L. F. & MASPERO, G. (orgs.). *Gregório di Nissa Dicionário*, p. 580.

[51](#) Cf. Mt 18,20; Jo 14,13; 16,23.

[52](#) Cf. Mt 28,20; Jo 14,23; 15,4-8.

[53](#) Cf. Rm 6,5-11.

[54](#) Cf. Hb 2,10.

[55](#) Cf. Rm 6,10.

[56](#) Eis aqui a distinção entre a "ressurreição na vida bem-aventurada", adquirida graças ao Batismo desde esta vida sobre a terra e a "ressurreição no final dos tempos". Trata-se da doutrina da *apokatástasis*, cuja interpretação pode ser reduzida em dois conceitos fundamentais de *salvação universal* e *ressurreição universal*. No presente contexto sacramental, a doutrina concerne provavelmente à salvação universal, isto é, como negação da possibilidade de condenação eterna do homem. Gregório está afirmando a impossibilidade da ressurreição para o homem sem a regeneração batismal, mas, imediatamente, esclarece que não está referindo-se à ressurreição *natural* e *necessária* do composto humano, que aguarda todo homem, mas à restauração do homem ao estado bem-aventurado e divino, ao qual tomarão parte somente aqueles que, durante a sua existência terrena, se deixarem guiar pela purificação batismal, à luz do princípio de que o semelhante tende ao seu semelhante. Aqueles que, ao contrário, derem azo às paixões deverão ser purificados pelo fogo para entrar, só depois de muito tempo, na vida bem-aventurada. Ver também *Vita Moys*. II,82,1-5. Cf. G. MASPERO, "Apocatastasi", in MATEO-SECO, L. F. & MASPERO, G. (orgs.). *Gregório di Nissa Dicionário*, 91-93.

[57](#) Cf. Mt 3,2.

[58](#) Para Gregório de Nissa, aquele que recebe o pão eucarístico comunga com o "corpo imortal" de Cristo. Os verbos utilizados para indicar a mudança produzida no pão sugerem uma transformação profunda: *metapoiōō*, *metatithēmi* e especialmente *metastoicheiōō*, que podem traduzir-se, respectivamente, por "alterar", "transferir", "mudar a natureza dos elementos". Neste sentido, esta mudança deve ser entendida na linha de uma transformação objetiva, que produz uma presença real. Gregório considera a Eucaristia como parte importante para atingir a finalidade da Encarnação: a divinização do homem, da qual fazem parte essencial a incorruptibilidade do corpo e o triunfo sobre a morte. Isto acontece mediante a identificação com Cristo e a transformação n'Ele. Cf. L. F. MATEO-SECO, "Eucaristia", in MATEO-SECO, L. F. & MASPERO, G. (orgs.). *Gregório di Nissa Dicionário*, pp. 271-272.

[59](#) Cf. GREGÓRIO DE NISSA, *A Criação do homem*, cap. XXX: "Nossa natureza toma do exterior a alimentação que sustenta a massa corpórea; por isso, ela satisfaz às nossas necessidades com alimentos e bebidas, tendo colocado no corpo uma força que atrai aquilo que lhe falta e rejeita aquilo que aí há de excesso".

[60](#) Sobre a concepção de *eidōs somatos* de Gregório de Nissa, ver cap. XXVII da obra *A Criação do homem*: "De fato, a conversação do Cristo sobre o Hades mostra que, na alma, mesmo depois de sua separação, permanecem marcas distintivas do composto que éramos. Quando os corpos são depositados na tumba, permanece nas almas algum sinal corporal que permite reconhecer Lázaro e não permite ao rico permanecer desconhecido. Portanto, não é inverossímil acreditar que os corpos que ressuscitam deixam a massa comum para retornar aos seres particulares. Aquele que examina com mais cuidado nossa natureza não terá nenhuma dificuldade em admiti-lo. O nosso ser não está todo submetido ao fluxo e à transformação: seria absolutamente incompreensível se ele não tivesse alguma fixidez natural. Na realidade, é mais exato dizer que uma parte de nosso ser permanece estável, enquanto a outra está submetida à transformação. Nosso corpo se torna outro quando cresce ou diminui, revestindo, como vestimentas, idades sucessivas. Mas, através do movimento, permanece imutável a forma (*eidōs*) própria do nosso ser que não perde os sinais impostos pela natureza, mas permanece visível através das características particulares, não obstante todas as modificações corporais. Sem dúvida é preciso colocar à parte a mudança produzida pela doença, que afeta o aspecto exterior: como um aspecto diverso, a

defomidade da doença toma o lugar da forma. Depois de tê-la arrancado com o pensamento (como aconteceu a Naaman, o Sírio, e aos leprosos, cuja história o Evangelho narra), novamente a forma velada pela doença aparece com as próprias características, uma vez retomada a saúde”.

[61](#) Cf. Jo 1,14.

[62](#) 1Tm 4,5.

[63](#) Mt 26,26 e paralelos. Gregório sublinha a diferença com o processo de alimentação: “O pão e o vinho tomam-se corpo de Cristo, não por assimilação, mas pela palavra de consagração. Ele procura, portanto, salvaguardar a dimensão mística” (...). Neste sentido, Gregório não pensa naquilo que posteriormente será chamado pela tradição eclesial de “transubstanciação”, isto é, em uma transformação da substância com a permanência dos acidentes. Gregório tampouco pensa segundo categorias aristotélicas. “Ele raciocina em função de metáforas de origem bíblica” (Raymond WINLING, em GRÉGOIRE DE NYSSSE, *Discours Catéchétique...*, pp. 322-323).

[64](#) Cf. Jo 1,13; 3,6-7.

[65](#) Cf. Mt 3,6.

[66](#) Cf. Jo 3,5.

[67](#) Cf. 1Cor 4,15.

[68](#) Cf. Ef 4,6.

[69](#) Para Gregório de Nissa, o conceito de vida é particularmente significativo para a sua teologia, e os termos utilizados são precisamente *bios* e *zōē*. Em nossa passagem, os termos são utilizados com uma inequívoca distinção. A *zōē* indicaria aqui a vida eterna, imutável no bem, enquanto a *bios* se referiria à vida mutável e histórica. Ver também capítulo XXXIII da *Grande Catequese* sobre o paralelo entre a geração na carne e a regeneração batismal.

[70](#) Cf. Jo 3,3-4.

[71](#) Cf. Is 1,16.

[72](#) Lc 19,8.

[73](#) Gl 6,3.

[74](#) Jo 1,12.

[75](#) Cf. Sl 145,16.

[76](#) Cf. Mq 7,18.

[77](#) Cf. Jl 2,13.

[78](#) Cf. Sl 145,9.

[79](#) Cf. Sl 7,12.

[80](#) Cf. Sl 92,16.

[81](#) Cf. Sl 4,3-4.

[82](#) Cf. Sl 82,6-7.

[83](#) Cf. Sl 4,4.

[84](#) Cf. 1Cor 2,9.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmias
3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
6. Semões, Leão Magno
7. A Trindade, S. Agostinho
8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
10. Confissões, S. Agostinho
11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
12. A Graça (I), S. Agostinho
13. A Graça (II), S. Agostinho
14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
17. A doutrina cristã, S. Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho
26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio
- 27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo
- 27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo
- 27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo
28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno
29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa
30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes
31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo
32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial  
*Claudiano Avelino dos Santos*

Coordenação de desenvolvimento digital  
*Erivaldo Dantas*

Revisão  
*Iranildo Bezerra Lopes*

Capa  
*Marcelo Campanhã*

Títulos originais  
De opificio hominis  
Dialogus de resurrectione  
Oratio catechetica magna

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gregório de Nissa, Santo, ca. 335-ca. 394  
A criação do homem; A alma e a ressurreição; A grande catequese / Gregório de Nissa; [tradução Bento Silva Santos]. – São Paulo: Paulus, 2011. – (Coleção Patrística)

eISBN 9788534939058

1. Gregório de Nissa, Santo, ca. 335-ca. 394 2. Padres da Igreja primitiva 3. Teologia dogmática. I. Título: A criação do homem. II. Título: A alma e a ressurreição. III. Título: A grande catequese. IV. Série.

10-13289 CDD-230

Índices para catálogo sistemático:

1. Padres da Igreja primitiva: Escritos: Teologia cristã 230

© PAULUS – 2014  
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)  
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066  
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534939058

